

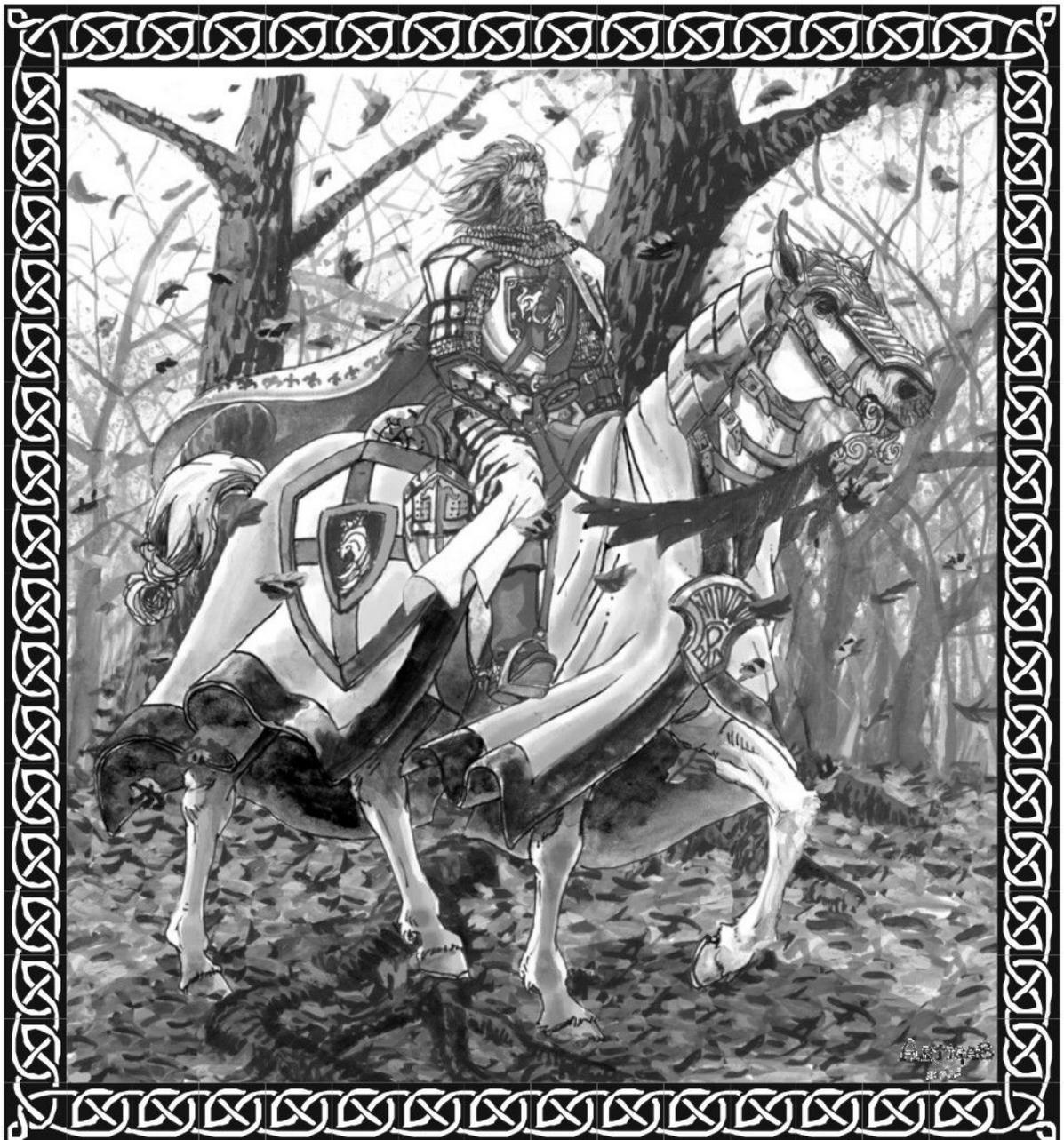
Tagmar II

Crônicas de Tagmar



Tagmar II

Crônicas de Tagmar



Créditos & Licenciamento

Autores

Renato de Holanda Cavalcanti, Renato Curty, Alexandre Romero Inforzato, Nelson Rodrigues Rosa e Thiago Gomes da Silva

Ilustração da Capa

Sergio Artigas

Revisão

Nelson Rodrigues Rosa

Design & Layout

Geliard Roberto Barbosa

Coordenação

Marcelo Rodrigues

Publicação

Publicado pelo Projeto Tagmar 2 em 9/7/2008 e disponível para download gratuito em www.tagmar2.com.br

Versão

2.2.0

Licenciamento

Este material foi adaptado do livro "Tagmar – RPG de Aventura Medieval" © 1991 de autoria de Marcelo Rodrigues, Ygor Moraes Esteves da Silva, Julio Augusto Cezar Junior e Leonardo Nahoum Pache de Faria; e está licenciada de acordo as seguintes condições: Atribuição-Usos Não-Comerciais-Compatilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil

Você pode:

Copiar (por qualquer meio, incluindo fotocópias), imprimir, distribuir, exibir e executar a obra.

Criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:



Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.



Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Compatilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Este licenciamento segue um padrão obra aberta e está registrado pela seguinte licença da Creative Commons: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/> com validade legal no Brasil e por muitos outros países.

Índice

UMA NOITE PARA SER ESQUECIDA.....	5
ARNACH RONAN BAROMIR.....	19
O CÁLICE.....	23
DÍRTAN.....	30
O AMALDIÇOADO SERVO DE CRUINE.....	37
CANÇÃO DOS SAPOS.....	40
O PRÍNCIPE DO GELO.....	42
O ANEL DO GOLEM DE FERRO.....	50

Uma Noite Para Ser Esquecida

Por Nelson Rodrigues Rosa

Prólogo

– Hoje é o meu grande dia! – falou Lazarius consigo mesmo, parando pela ultima vez antes de percorrer o grande corredor que levava ao salão de eventos da biblioteca de Saravossa, em Calco. Respirou fundo tentando reorganizar seus pensamentos. Tudo acontecera muito rápido. Há algumas noites atrás não passava de um simples aprendiz de feiticeiro, num dos muitos colégios de magias de Calco. Hoje, no entanto, seria aclamado como um dos maiores pesquisadores de todos os tempos.

Começou a caminhar sem pressa pelo longo corredor, aproveitando para uma inspeção minuciosa em todos os detalhes. O corredor – hoje mais do que nunca – era imenso. Com cerca de 150 metros de comprimento, possuía toda sua extensão coberta por um tapete de pele grossa, tingido de vermelho, e diversos tocheiros de prata apareciam presos em ambas as paredes de pedras. Tapeçarias raras, mostrando cenas de batalhas importantes, balançavam com o vento que vinha das janelas, dando ao local um ar antigo. Milenar. Uma imensa porta dupla de carvalho, com inúmeras inscrições élficas entalhadas, encerrava o corredor. Do outro lado da porta, ouvia-se o murmúrio da multidão que o aguardava ansiosamente. Ele então encheu o peito de ar tentando buscar coragem e usou toda sua força para abrir com um único empurrão as pesadas portas que o separavam da glória.

Ao entrar no salão se deparou com o caos. Uma turba desorganizada se lançou de súbito em sua direção como se fosse atacá-lo. Por instinto, seu corpo se encolheu tentando defender-se dos golpes que não chegaram; ao invés disso, as dezenas de mãos lhe tocavam com afago, nos braços e nas costas, lhe dando os parabéns.

A confusão só foi encerrada com o som de três cornetas estridentes que ecoaram por todo o salão, fazendo a multidão se acalmar e abrir caminho, enquanto um homem alto, com roupas caras e um rosto afável sorria e falava com uma voz nítida e firme:

– Meu nome é Hemilannor, sou o rei de Calco e quero lhe parabenizar, Lazarius Malter. Você prestou um grande serviço para a história da humanidade. Suas descobertas foram, sem dúvida, as mais bem sucedidas e importantes que nós já havíamos conseguido naquela região.

As palavras do rei o emocionaram. Sentiu seu corpo estremecer e se empertigou de orgulho. Seu coração batia tão forte que parecia querer explodir.

– Vamos rapaz, venha! – continuou o rei, enquanto caminhava por entre a multidão que o aplaudia com entusiasmo. – A riqueza e a glória o aguardam!

Sorrindo, Lazarius caminhou em direção ao rei. Mas logo seu corpo todo enrijeceu como se virasse pedra e ele não conseguia dar mais nenhum passo. Olhava em volta. Todas aquelas pessoas ovacionando-o com expressões alegres, como se nada estivesse acontecendo.

Esforçou-se ao máximo para andar e tudo o que conseguiu foi ficar mais rígido. Uma angustia cresceu dentro dele, se transformando em mal-estar, e depois, em medo. Sua cabeça doía e o mundo pareceu girar por um instante. Numa última e desesperada tentativa forçou um passo para frente, fazendo seu corpo tombar e ele pode ver o chão se aproximar com velocidade. Logo, todo ficou negro.

Primeira Parte: A Torre

Lazarius acordou com um pulo. Pela terceira vez tivera o mesmo sonho e, como das outras vezes, com o mesmo fim.

Deixou escapar um pequeno gemido ao tentar se levantar de uma improvisada cama de palha. Decididamente, essas não eram as acomodações que sempre sonhou ter aos 22 anos de idade. Sonhava com os luxuosos quartos nas dependências dos grandes palácios, onde passaria confortáveis noites de sono em seus lençóis de linho limpo e travesseiros de penas de ganso. Contudo, por enquanto, era grato pelo punhado de palha sobre um chão duro e frio.

Já fazia seis meses que interrompeu seus estudos nas artes místicas em Léon, Dantsem, para dividir com um jovem meio-elfo a responsabilidade pela torre de sinalização da fronteira noroeste. “Um trabalho fácil”, haviam dito a ele. E realmente parecia fácil: apenas montar guarda no alto da torre e a qualquer sinal de uma incursão inimiga, incendiar o teto para avisar as guarnições próximas fugindo em seguida. Entretanto, ele não imaginava que a tensão e a ociosidade fossem muito mais cansativas que qualquer esforço físico. Dia após dia, ficava olhando para uma planície descampada onde os únicos movimentos pertenciam a cavalos selvagens correndo pelos campos ou as águias sobrevoando a grama em busca de comida, ou para uma floresta densa, que ficava mais ao sul. A noite era ainda pior, pois não se via nada além das fogueiras que rodeiam a torre a uma distância de 100 metros.

Ainda sonolento, caminhou até uma pequena mesa de madeira que havia embaixo da escada. Colocou um pedaço de queijo rançoso na boca e tomou um longo gole de um vinho azedo. Lavou o rosto com a água que estava armazenada em uma tigela de barro e em seguida, ainda mastigando o queijo duro, olhou o reflexo distorcido de seu rosto em um escudo de aço que ele mesmo polira para usar como espelho. Estremeceu ao ver em sua frente um homem pálido e de fisionomia cansada.

Lazarius Malter sempre fora um jovem bonito. Com espessos e revoltos cabelos castanhos indo até o ombro, olhos negros como carvão e um rosto decidido, mas afável, fino e sem barba. Decididamente era um homem alto, com cerca de 1,80m muito bem distribuídos. Seu pai costumava dizer que por ser alto e forte daria um bom guerreiro e que era disso de que Dantsem precisava. Contudo, ele escolhera os eruditos caminhos da magia e seus amigos brincavam dizendo que ele era uma mente de mago aprisionada num corpo de guerreiro. Ele mesmo achava graça disso, pois nunca possuía vocação para ser soldado. Odiava violência e só aceitara o cargo de vigia porque achava que em tempos difíceis todos deveriam ajudar e ele ficava feliz por estar fazendo a sua parte.

Com um enorme esforço, começou a subir a longa escada de pedra em espiral, que hoje parecia possuir uns mil degraus ao invés dos habituais trinta. Cada passo era uma tortura e ele tentou pensar em coisas agradáveis para esquecer suas dores nas pernas. Lembrou-se do colégio onde estudava magia e de Alice, uma linda jovem que sempre fora melhor aluna que ele.

– Não Lazarius! – reclamou Alice. – Você precisa se concentrar. Tente deixar sua mente vazia, não pense em nada e respire fundo. Então, quando seu corpo e sua mente estiverem em harmonia, focalize o objeto e decida o que deseja fazer com ele.

Ela olhou para um cálice de barro que estava pousado em cima da mesa a uns dez metros de distância, respirou fundo e projetou seus braços para frente, na direção do objeto, como se fosse agarrá-lo. O cálice começou a levitar, movendo-se conforme o balanço de seus dedos e ela o fez flutuar de encontro às mãos grandes de Lazarius.

– Acho que nunca vou aprender a fazer isso – murmurou o rapaz Lazarius para si mesmo enquanto segurava o cálice.

– Você vai aprender, sim – retrucou Alice ao ouvir o murmúrio do amigo. – E se tornará um grande mago.

Ela beijou-o no rosto e saiu andando com elegância em direção à ala dos dormitórios femininos enquanto Lazarius, ainda segurando o cálice, a acompanhava com os olhos.

Chegando ao último andar da torre, Lazarius avistou seu companheiro Elric, o outro vigia, dormindo sentado em sua cadeira. Ele estava semi-deitado, com as costas apoiadas quase no centro da cadeira. Cruzara seus pés, apoiando-os no parapeito da torre, num ângulo um pouco mais alto que sua cabeça, fazendo com que seu corpo curvado parecesse um grande arco composto. Sua cabeça estava levemente inclinada para o lado direito, tornando sua boca entreaberta visível, de onde escorria um fino fio de saliva parecido com uma teia de aranha que se alojava em seu peito formando um pequeno círculo úmido em sua blusa de linho cru.

Lazarius se aproximou devagar, um passo atrás do outro, como um tigre pronto a dar o bote praticamente não emitindo som algum. Rodeou a cadeira e se postou no lado esquerdo de Elric. Aproximou lentamente seu rosto ao ouvido do outro e de súbito soltou um grito estridente.

Elric foi arrancado de seus sonhos com tamanha violência que caiu com sua cadeira para trás, como se houvesse sido puxado por dez cavalos pesados. O barulho do choque de madeira e pedra ecoou por toda a torre, fazendo Lazarius cobrir os ouvidos com as mãos.

O vigia caído levantou-se rápido, apoiando uma das mãos no chão e outra nas costas doloridas. Olhou para Lazarius com um olhar assustado, como se houvesse visto um fantasma, que logo deu lugar a uma expressão dura de raiva.

– VOCÊ FICOU MALUCO?! – gritou o meio-elfo com uma voz ríspida, apontando o dedo indicador para a própria cabeça. – Perdeu completamente o juízo?

– Você... que perdeu... o juízo – respondeu Lazarius, tentando recuperar o fôlego que perdera rindo. – Não devia estar dormindo.

– Não estava dormindo, apenas cochilei durante alguns minutos.

Lazarius riu da desculpa.

– Elric, se eu fosse um inimigo você estaria morto agora.

O jovem meio-élfo olhou-o com desdém, a boca se retorcendo num riso de desprezo.

– Você vai me pagar por isso Lazarius – disse ele, quase num sussurro.

A ameaça de Elric perturbou Lazarius que, percebendo o descontrole do rapaz, tentou acalmá-lo dando uma piscadela de olho e indo a sua direção com um sorriso forçado.

– Calma! Eu só estava brincando, mas acho que exagerei um pouco. Desculpe-me.

Elric o encarou com uma expressão séria, mas de súbito seu humor mudou e ele rompeu o silêncio com uma gargalhada alta, que fez com que Lazarius desse um salto para trás.

– Tudo bem Lazarius, não se preocupe. Eu não iria ficar chateado com você por uma brincadeira. Foi até engraçado.

Lazarius riu sem graça, desconfiado da mudança brusca do meio-elfo. No colégio de magia haviam dito a ele que os elfos eram meio loucos e embora seu mestre Lucenos tivesse desmentido, ele não duvidava disso. Mais Elric fora criado no meio de

humanos e, a não ser pelas orelhas pontiagudas, era um homem como outro qualquer. Será que ele ainda possuía resquícios da loucura élfica ou o cinismo que impera entre os humanos? Pensou.

Como que para encerrar a discussão, Lazarius sorriu e estendeu a mão para Elric, que lhe retribuiu o gesto e os dois se cumprimentaram com um aperto de mão forte. Ainda sorrindo, Elric girou nos calcanhares, caminhando em direção à escada de pedra, descendo degrau por degrau, sem olhar para trás.

Lazarius ficou ali, parado, observando os movimentos do corpo de Elric enquanto ele descia as escadas. Fez uma careta para a situação e riu baixinho caminhando em direção ao centro da torre.

A torre de vigia da fronteira noroeste estava longe de ser uma obra de arte. Tratava-se de uma tosca construção de alvenaria, cilíndrica, com cerca de dez metros de altura e apenas dois andares. O térreo era uma área circular com seis metros de raio usada como depósito, dormitório, etc. Do centro do aposento erguia-se uma grossa coluna também de alvenaria, que ajudava a sustentar a construção, indo até o teto. Uma escada de pedra circundava a coluna central, levando direto ao segundo andar, que eles chamavam de mirante do vigia. Do mirante, era possível obter uma bela visão de uma área descampada que se estendia por quilômetros e da Floresta de Marviom. O teto era baixo, pouco mais alto do que Lazarius, constituído de grossas vigas de madeira sob um emaranhado de palha. A qualquer sinal de perigo, bastava encostar uma tocha ou lamparina acesa e o teto se transformava em um grande círculo de fogo, podendo ser visto a quilômetros de distância. Havia dezenas de torres como aquela ao longo da fronteira com Verrogar.

Lazarius caminhou até o parapeito e viu Elric usando uma tocha para acender as fogueiras ao redor da torre. Deixou escapar um leve sorriso contido ao se lembrar do susto que o outro levava.

Começou então os preparativos para mais uma solitária noite de vigia. Reabasteceu com óleo cada uma das três lanternas que havia, umedeceu a ponta de três tochas e se dirigiu novamente ao parapeito noroeste. Percebeu que todas as fogueiras estavam acesas e que o meio-elfo já não se encontrava mais lá. Levantou a cadeira que estava caída no chão e sentou-se para saborear um copo de vinho que, juntamente com as lanternas e as tochas, iria aquecê-lo durante a noite.

Sir Ridel olhou com interesse o campo a sua frente. Mesmo estando a um quilômetro de distância, podia ver nitidamente o círculo luminoso de fogueiras da torre. Estava ansioso para agir, mas sua experiência o controlava. Sabia que não deveria se precipitar, pois se aquela torre fosse incendiada, todo o seu plano iria buraco abaixo junto com os meses de planejamento.

Olhou para trás, procurando seus homens sem obter sucesso. Havia ordenado que passassem fuligem nas placas das armaduras para camuflá-los melhor, mas o céu havia ficado nublado durante o entardecer, tornando a noite negra e seus homens invisíveis. Agradeceu a seu deus pelo céu sem Lua e sem estrelas e pensou em fazer uma oferenda a Crezir pela ajuda quando tomassem a torre.

Olhou novamente em direção as fogueiras e regozijou de alegria quando viu que uma havia apagado. Era o sinal.

– Chegou a hora, venha! – Sussurrou o cavaleiro para a escuridão, de onde saiu um pequeno vulto caminhando em direção à torre e às suas fogueiras.

Lazarius acordou assustado. Havia adormecido e não fazia idéia de por quanto tempo. Examinou uma das lanternas e pela quantidade de óleo chegou à conclusão de que deveriam ter sido apenas alguns minutos.

Xingou a si mesmo por sua displicência. Havia criticado duramente Elric por ter cochilado durante o seu turno e, no entanto, fizera o mesmo.

Levantou-se e caminhou até o parapeito. Olhou a escuridão a sua frente e respirou fundo, buscando um pouco de ar fresco.

Nesse momento algo chamou sua atenção. Uma das fogueiras estava apagada. Elric devia ter posto pouca lenha naquela fogueira, pensou. Precisava ter uma conversa séria com o meio-elfo, pois a sorte é que uma fogueira não fazia tanta falta, mas e se ele não houvesse posto lenha suficiente em outras logo várias poderiam estar apagando, tornando a coisa perigosa.

Uma imagem arrancou Lazarius de seus devaneios. Ao lado da fogueira apagada surgiu uma mulher, com as roupas rasgadas e parecendo estar ferida. Ela desabou em cima dos restos de lenha, mas Lazarius reparou que nenhuma cinza foi jogada para o alto, como se não houvesse cinzas, ou melhor, como se estivessem molhadas. Sendo assim, a fogueira fora apagada com água e não por falta de lenha.

O desespero tomou conta de Lazarius, que pegou uma tocha e a acendeu numa lanterna. Olhou outra vez o corpo caído lá embaixo sentindo uma angustia sufocante. E se fosse apenas uma camponesa bêbada? Ele daria um alarme falso e causaria a maior confusão. Provavelmente seria preso por isso e se tornaria um desgosto para sua família.

Lazarius correu até a borda da escada e gritou o nome de Elric várias vezes, cada vez mais alto, mas o meio-elfo não respondeu. Parou e respirou lentamente, obrigando-se a manter a calma. Verificou mais uma vez se o corpo ainda estava lá, imóvel. Olhou preocupado para o fogo que queimava em sua tocha, como se pedisse um conselho, e depois para o teto de palha. Deu um suspiro longo e decidiu... correndo em direção à escada de pedra.

Desceu a escada o mais rápido possível, saltando de dois em dois degraus. Chegando ao térreo, seus olhos varreram o cômodo, mas não havia nenhum sinal do outro vigia. – Onde estará o maldito meio-elfo? – rosnou Lazarius, com seu rosto vermelho de raiva. Não era a primeira vez que Elric saíra no meio da noite para – como ele chamava – seus passeios noturnos, embora Lazarius já houvesse enchido seus ouvidos com sermões sobre os perigos de manter apenas um vigia na torre à noite. Apoderou-se de uma espada que ficava encostada atrás da porta e saiu da torre como um furacão.

Caminhava com cuidado em direção ao corpo caído, olhando para os lados a toda hora. Aproximou-se do corpo o suficiente para perceber que se tratava de uma elfa, jovem e muito bonita. Estava vestida com roupas simples e com seu braço direito coberto de sangue. Chegou mais perto e a chutou de leve, mas ela não se mexeu, parecendo estar morta. Lazarius ficou contemplando deslumbrado por um longo tempo o rosto delicado da elfa. “Que pena, como ela é bonita!”, pensou.

Ele não entendeu quando seu corpo se esparramou no chão com sua espada e sua tocha indo parar a três metros de distância. Sua nuca doía e sua visão ficou turva por alguns instantes. Ouviu a risada de alguns homens e se virou depressa, ainda deitado. Viu as silhuetas de quatro pessoas antes que sua visão voltasse ao normal, quanto percebeu que não eram quatro e sim dez, todos armados com espadas e armaduras completas.

O desespero tomou conta de seus sentidos e ele se levantou com um salto. Viu que a elfa estava de pé e postada ao lado do guerreiro que se mantinha à frente do grupo.

– Qual é seu nome, rapaz? – perguntou Sir Ridel com a voz firme, demonstrando seriedade e segurança. – Quantos vigias têm na torre?

Lazarius não respondeu. Olhou para a elfa, fuzilando-a com os olhos. Ela lhe devolveu o olhar com uma expressão inelutável.

– Responda! Gritou Sir Ridel trazendo para si a atenção de Lazarius novamente. – Eu não tenho a noite toda.

Lazarius avaliou a situação. Eles, embora não portassem brasões, eram certamente guerreiros de Verrogar. Estavam em maior número e todos fortes e bem armados, com diversas cicatrizes espalhadas pelo corpo, sugerindo-o que – ao contrário dele – eram guerreiros experientes. Olhou em volta, sentindo uma dor alucinante na nuca, enquanto encontrava sua espada e sua tocha jogadas no chão bem longe de seu alcance.

– Eu me chamo Lazarius Malter e sou o líder de um grupo de dez vigias – mentiu Lazarius. – Eles estão lá em cima agora, aguardando apenas o meu sinal para incendiar a torre.

Já sabendo da verdade, Sir Ridel riu do subterfúgio que o rapaz tentara usar e respondeu em tom de zombaria.

– Muito bem, Sr. Lazarius Malter. Estou me apoderando desse posto de vigia e já que o senhor é o líder por aqui, o reivindico como meu escravo. O senhor está preso.

Assim que o cavaleiro pronunciou as últimas palavras, três soldados foram em direção de Lazarius, rindo e com as espadas em punho. Lazarius deu alguns passos para trás e pensou em correr. Sabia que aqueles guerreiros eram mais pesados do que ele e ainda estavam com armaduras completas, o que tornava impossível que o alcançassem. Notou também que nenhum dos dez usava arco e isso fez brotar um fio de esperança. Podia correr e tentar chegar à outra torre antes deles, avisando sobre a emboscada.

Entretanto, ainda havia o meio-elfo. Quando ele voltasse, esperando ser recebido com uma boa bronca, encontraria ao invés de seu companheiro de vigia dez soldados de Verrogar fortemente armados. Eles iriam estripá-lo e pendurar sua pele como se fosse uma bandeira. Infelizmente, não podia fugir afinal.

Os três soldados se aproximaram, zombando e cuspidando palavrões. Lazarius deu mais dois passos para trás e um quarto soldado, que ele ainda não havia notado, o agarrou por trás lhe dando um forte abraço. O medo tomou conta do rapaz, que encostou as mãos no corpulento soldado e como que por reflexo, liberou um dos mais perigosos encantos que seu mestre lhe ensinara.

Segunda Parte: A Floresta de Marviom

Dizem que quando se está à beira da morte toda sua vida passa como um lampejo diante de seus olhos. Lazarius, no entanto, após ter sido imobilizado pelo forte abraço do soldado de Verrogar, não viu em sua mente imagens de sua infância em Léon, nem de como aprendeu a cavalgar ou de sua primeira e solitária experiência sexual. Na verdade, o que lhe veio à cabeça foi apenas um vislumbre, de uma das muitas aulas que tivera com Lucenos: seu mestre, tutor e amigo.

Naquele dia Lucenos estava mais incisivo do que de costume e falava com veemência sobre os riscos de lançar magias destrutivas estando próximo ao corpo da vítima.

– Nunca se deve utilizar uma magia de ataque indireto, como “Raio Elétrico” e “Bola de Fogo”, estando próximo ao alvo – dissera ele. – Pois resquícios de sua força destrutiva podem atingi-lo causando ferimentos terríveis e, em certos casos, até a morte.

Infelizmente, Lazarius se lembrara dessa última frase de Lucenos tarde demais, pois estava atracado com o inimigo, com os dois corpos parecendo um só. Mais próximo que isso, impossível.

O grito de dor do soldado ecoou, quebrando a quietude da noite, quando uma poderosa descarga elétrica – saída das mãos de Lazarius – atravessou todo o seu corpo, fazendo o coração palpitar em um ritmo frenético até quase explodir. Cambaleante e com os ouvidos sangrando, o soldado esticou o braço implorando socorro a seus companheiros, mas não havia nada que pudesse ser feito. Seus batimentos aumentaram ainda mais até que seu coração não agüentou, parando de súbito e levando consigo as forças que o mantinham em pé.

Lazarius também caiu. Como previu Lucenos, uma parte da descarga elétrica retornou às mãos do jovem mago, arremessando-o contra o chão com violência. Tentou levantar-se se apoiando no chão e uma dor alucinante tomou conta de seus sentidos, fazendo com que quase perdesse a consciência. Como que por reflexo, olhou as palmas de suas mãos e ficou horrorizado. Estavam em carne-viva. Uma grande massa vermelha de pele e bolhas, cheirando a carne queimada.

Sir Ridel olhou incrédulo a cena que se desenrolava à sua frente. Um de seus melhores soldados havia sido morto por um jovenzinho de merda, metido a mago.

– Vou arrancar sua cabeça e dá-la de comer aos porcos, seu feiticeiro maldito! – rosnou ele, desembainhando sua espada e caminhando a passos largos em direção a Lazarius.

Lazarius ouviu o tilintar da armadura e levantou-se depressa, dessa vez sem usar apoio. O guerreiro se aproximava com um olhar assassino e de espada em punho. As mãos de Lazarius ardiavam como brasa e ele piscou para espalhar as lágrimas que embaçavam sua vista.

Sem aviso, Sir Ridel saltou em direção a Lazarius, deu uma estocada e Lazarius recuou, esquivando-se do golpe. O cavaleiro recuperou-se depressa, tornou a investir, e Lazarius deu mais um passo para trás, com a lâmina rasgando-lhe a blusa na altura do ombro. Os outros soldados assistiam a tudo divertidos, sem qualquer pretensão de interferir. Sabiam que seu líder gostaria de vingar-se da morte de seu companheiro pessoalmente e apenas mantiveram-se alertas caso o mago tentasse fugir. Lazarius deu um soco, errou e quase foi espetado pela espada, mas saiu da frente bem na hora. Lazarius sabia que teria de mudar de estratégia, pois não tinha qualquer chance contra aquele cavaleiro. Teve uma idéia. Contudo, essa era sua última tentativa. “Agora ou nunca”, pensou.

Sir Ridel olhou desconfiado quando o mago levantou as mãos feridas e fechou os olhos, murmurando palavras em uma língua estranha. Por um momento pensou que ele estivesse rezando, ou se rendendo, mas logo descobriu que não eram essas as intenções do rapaz.

De súbito, um forte clarão iluminou toda a área da torre, como se o próprio sol tivesse sido trazido a terra, fazendo com que a noite virasse dia por alguns instantes. Quando a claridade diminuiu, Lazarius abriu os olhos e viu todos os soldados desnorteados, largando as espadas para esfregar os olhos ardidos com as mãos. Seu olhar percorreu o campo e ele se deparou com a elfa, que havia sido a única a entender as palavras pronunciadas por Lazarius, fechando os olhos a tempo de não sofrer com os efeitos da

magia. Lazarius a olhou com angústia, preparando-se para caso ela tentasse detê-lo, mas a elfa não se moveu, permanecendo impassível.

Ele então avaliou suas possibilidades, mas não havia tempo nem alternativas, pois os soldados logo se recuperariam. Lembrou-se de Elric. Já se passavam horas desde a última vez que o viu e ele não voltara. Ou talvez ele tivesse voltado, visto o ataque e corrido até a guarnição mais próxima para pedir ajuda. De qualquer forma, não podia dar-se ao luxo de ficar conjecturando sobre o destino de Elric, precisava pensar em como salvar sua própria vida. Rezando para que o meio-elfo estivesse em segurança, girou nos calcanhares e penetrou na escuridão, correndo o mais rápido possível em direção à Floresta de Marviom, mais ao sul. No momento, sua única saída.

Sir Ridel olhou enjoado para a escuridão em direção a onde ficava a floresta. Estava exausto e tremendamente irritado, nada havia dado certo aquela noite. O plano era perfeito e tudo tinha sido feito como ordenara, mas quem poderia imaginar que aquele merdinha de vigia era um mago? Um de seus homens estava morto e o único sujeito que não poderia sair vivo havia fugido para a floresta. "Que merda", pensou. Observou disfarçadamente a elfa enquanto ela limpava o ferimento no rosto, causado pela proteção de ferro de sua manopla. Merecia um castigo muito pior por ter deixado que o mago fugisse, mas acertaria as contas com ela mais tarde. Por hora, tinha problemas mais importantes para preocupar-se.

– Vamos, cambada de moças – gritou para seus soldados, que se preparavam para a caminhada. – Não tenho a noite toda.

Um dos guerreiros parou a seu lado, com ar preocupado.

– Senhor – sussurrou o soldado mostrando respeito. – A floresta é imensa, como o acharemos?

Sir Ridel deu de ombros, distraído, e respondeu devagar quase que consigo mesmo.

– Ele está ferido, cansado e com fome. Não vai conseguir se esconder por muito tempo.

Os soldados terminaram seus preparativos e Sir Ridel os olhou com orgulho. Eram bons soldados.

– Vamos homens, andem, enterrem o corpo – gritou Sir Ridel, desembainhando a espada e seguindo em direção a floresta. – Dois de vocês ficam para proteger a torre, o resto vem comigo. É hora de caçar.

Os três jovens elfos caminhavam silenciosamente pela trilha improvisada na floresta. Normalmente não caçavam tão distantes da aldeia, mas já vinham há algum tempo tendo de dividir seus territórios de caça com caçadores humanos que, devido à guerra, precisavam de cada vez mais comida. Em principio, os anciões da aldeia haviam negado, mas uma comissão de representantes dos homens os havia convencido, dizendo que a guerra também pertencia aos elfos, uma vez que era contra seu maior inimigo: o reino de Verrogar. Agora, os animais tinham se tornado escassos e os elfos eram obrigados a procurar alimento em partes cada vez mais distantes da floresta.

Leodegam, um elfo alto e bem forte, liderava o grupo, seguido por Lidarel e Eluviel, dois irmãos, filhos de um dos líderes da aldeia. Os três eram amigos desde pequenos e haviam treinado juntos a arte de caça élfica.

A mata naquele ponto era bem fechada e pouco conhecida por eles, de forma que os três seguiam em fila e estavam mais alertas que de costume. De repente, Eluviel – que seguia por último – parou, assobiando baixo para que os outros também parassem. Virou-se para a margem da trilha e colocou uma das mãos no ouvido em forma de concha, procurando ouvir melhor.

– O que foi, Eluviel? – perguntou Leodegam, ao ver a expressão intrigada do amigo. – Ouviu alguma coisa?

– Acho que sim, do lado esquerdo, mas não tenho certeza.

– Vamos averiguar – decidiu Leodegam, sussurrando para os outros dois. – Lidarel, você afasta a vegetação enquanto Eluviel se prepara. Eu dou cobertura aos dois.

Lidarel esgueirou-se da forma mais furtiva possível até o local indicado por Eluviel e segurou as folhagens, aguardando o sinal para puxá-las. Eluviel posicionou-se de frente, esticando a corda do arco até as penas da flecha ficarem ao lado de sua orelha pontiaguda. Leodegam também esticou o arco, só que com menos intensidade. Eluviel respirou fundo, concentrando-se, e deu a ordem.

Lidarel puxou as folhagens com força, procurando sair logo da frente para não atrapalhar a visão do irmão. Quando os olhos de Eluviel encontraram o alvo, ele se assustou com o que viu e lutou contra o reflexo de liberar a flecha. Não sabia o que iria encontrar, pensou que pudesse ser um javali ou um filhote de urso, mas nunca imaginou que encontraria um homem fraco, mal conseguindo manter-se em pé. O homem deu dois passos em sua direção e esforçou-se para falar, mas suas forças o abandonaram e ele desabou no chão, como uma árvore que acabara de ser cortada.

Eluviel afrouxou a corda do arco e caminhou em direção ao corpo do homem, fazendo sinal para que os outros o acompanhassem. Leodegam e Lidarel, sem entender o espanto do outro, seguiram rapidamente na mesma direção e ficaram igualmente surpresos com o que – ou quem – Eluviel havia encontrado. O homem era alto, de ombros largos. Estava de bruços, mas mesmo assim se podia notar que estava ferido, com um pequeno corte no ombro e com as duas mãos completamente queimadas.

– Não fiquem aí parados vocês dois – disse Leodegam, segurando o corpo do homem por um dos braços. – Me ajudem a carregá-lo.

Lazarius abriu os olhos e viu as estrelas por entre as copas das árvores. Estava deitado em um terreno macio e úmido. Podia-se ouvir um riacho próximo, com seu barulho característico, e ele pensou que talvez estivesse morto. Entretanto, as dores que se estendiam por todo seu corpo o deixavam consciente de que estava bem vivo. Esforçou-se para sentar e sua visão rodou por um instante. Sua cabeça latejava e seu estômago parecia ter sido totalmente espremido. Seu ombro havia sido lavado e suas mãos – embora ainda doloridas – estavam enfaixadas, com uma gosma verde por baixo do pano. Ouviu uma voz vinda de trás, que falava em élfico. Seu coração deu um salto e ele o acompanhou, ficando de pé. Contudo, seu corpo ainda estava fraco e ele cambaleou na direção do riacho, caindo de joelhos na margem lamacenta.

– Calma, homem – disse rápido Eluviel, percebendo o medo do humano. – Não iremos machucá-lo.

– O encontramos na mata – completou Leodegam. – Estava ferido e nós cuidamos de você.

Lazarius olhou para os três elfos, desconfiado. Aos poucos sua mente foi clareando e ele se lembrou do que havia ocorrido: a torre, os soldados, A ELFA! Ao se lembrar da emboscada que armaram contra ele, usando uma elfa traidora para fazer com que

descesse da torre, o medo retornou com força total e Lazarius começou a andar para trás, não ousando dar as costas para os elfos armados com arcos.

– Quem são vocês? – perguntou o jovem mago, em élfico, com uma das mãos enfaixadas apontadas para os três estranhos. Não podia fazer mais nenhuma magia, pois sua força mística havia se exaurido, mas se aqueles elfos fossem traidores, saberiam que ele era um mago e que havia matado um deles com seu poder. Essa lembrança o deixou novamente enjoado.

Leodegam já esperava por isso. Ao analisar os ferimentos das mãos do homem, chegou a conclusão de que não poderiam ter sido feitas com fogo, já que não havia resíduos de madeira ou ferro. Também não poderia ter sido água escaldante, pois nesse caso, a pele ficaria enrugada, repuxada por cima das bolhas e não em carne viva, como estavam. Só lhe restava uma opção: magia. Ou lançada contra ele, *ou por ele*.

– Calma – Leodegam falava devagar, tentando demonstrar tranquilidade. – Já dissemos que você não precisa ter medo. Não vamos machucá-lo. Se quiséssemos, já o teríamos feito, e não tratado de seus ferimentos.

Lazarius refletiu por um momento. Eles tinham razão. Talvez não fossem inimigos, afinal. Como o elfo mesmo disse, já poderiam tê-lo matado.

– Meu nome é Lazarius Malter. Sou vigia da torre de sinalização da fronteira noroeste. Sofremos um ataque e perdemos a torre. Receio que estejam atrás de mim.

– Quantos vocês são? – Perguntou Leodegam.

– Dois. Eu e um meio-elfo chamado Elric. Não sei onde ele está. Talvez tenha ido buscar ajuda, mas pode já ter sido capturado.

– E quem os atacou? – intrometeu-se Lidarel, visivelmente nervoso.

– Guerreiros de... Verrogar – respondeu Lazarius hesitante. – Era um grupo de dez, comandados por um cavaleiro.

– Verrogar! Você disse Verrogar?! – os três elfos falaram juntos, entreolhando-se. – Precisamos fazer algo, urgente!

O dia já estava amanhecendo quando Sir Ridel olhou por entre as folhagens o grupo parado na margem do rio. Já estava ali há quase uma hora, desde que os três elfos chegaram com o corpo do mago para lavar seus ferimentos. Praguejou contra a sorte daquele homem. Até agora ele havia conseguido escapar e sempre com um golpe de sorte. Será que seu deus o estava protegendo? Duvidava. Sempre soube que os magos não rezavam para os deuses, tinha certeza que eles seguiam os demônios. Convivera com magos algumas vezes, principalmente depois que recebeu o título de cavaleiro. Por umas quatro vezes participara de missões para a corte onde magos estavam presentes. E eles sempre levavam toda a glória. Sir Ridel odiava os magos. Achava que não passavam de demonistas covardes, que usavam forças oriundas dos planos infernais ao seu bel prazer. Era sempre a mesma coisa: não importava o quanto ele e seus homens fossem eficientes e corajosos, se houvesse um mago entre eles, este seria aclamado como o grande herói. Aquele que com seu poder trouxe a vitória para Verrogar. Que honra havia nisso? Onde estava o orgulho merecido aos cavaleiros?

Agora, aquele mago merdinha estava cercado de elfos. Sir Ridel odiava os elfos ainda mais do que os magos, pois, embora tivesse visto poucos elfos em toda sua vida, ouvira falar que todos já nasciam magos. Isso já era demais. Era a gota d'água.

Uma gargalhada estridente arrancou o cavaleiro de seus devaneios. Ele olhou para o grupo e viu que estavam rindo. Em princípio, o mago pareceu desconfiar dos três elfos, mas agora já estava bem mais relaxado. Tinha que agir logo, pois caso os elfos levassem o mago para sua vila, estaria tudo perdido. Olhou em volta. Seus homens estavam agachados na mata, com as espadas em punho, apenas aguardando seu sinal. Sir Ridel não havia pensado em lutar contra magos, nem contra elfos numa floresta, mas aquela incursão já havia saído totalmente dos padrões. Não havia volta. Só lhe restava ordenar o ataque.

E ele ordenou.

Lazarius já estava gostando daqueles elfos. Embora fossem meio antipáticos, eram bons e haviam salvado sua vida. Não conseguia ver neles nada daquela loucura que tanto falavam. Ao contrário, os achava até engraçados, principalmente quando Eluviel o imitava pedindo ajuda.

– Vamos voltar à aldeia – sugeriu Leodegam, colocando a aljava no ombro. – Lá você estará seguro e nós formaremos um grupo para procurar seu am...

Leodegam foi interrompido pelo barulho do choque de metal e terra, entrecortado por gritos furiosos. Os quatro se viraram para a floresta e viram sete guerreiros correndo e brandindo suas espadas em uma carga alucinada. O pânico tomou conta do grupo e os elfos sacaram seus arcos. Atirar com arcos para os elfos era tão natural quanto cuspir ou falar. Leodegam tirou uma flecha da aljava e a colocou no arco, esticou a corda ao máximo e soltou, pegando outra em seguida. Seu movimento foi acompanhado pelos outros dois elfos e então as terceiras flechas estavam nas cordas quando as primeiras atingiram o alvo. E logo, uma chuva de flechas caiu assobiando sobre o grupo de guerreiros.

Sir Ridel viu o céu ficar salpicado com as pontas metálicas, e logo dois de seus guerreiros caíram com flechas trespassadas em seus corpos. Ele então gritou para que aumentassem a velocidade, mas outra saraivada de flechas chegou cantando e picando. Um soldado ao lado esquerdo de Sir Ridel teve seu crânio atravessado, espirando sangue na armadura do cavaleiro. Os malditos não paravam de atirar e Sir Ridel ouviu novamente o assobio das flechas e o barulho oco das estocadas na terra.

Era uma música lamentosa, como uma sinfonia tocada pelo próprio demônio. Mais uma saraivada. Mais um soldado morto. Era o inferno, tinha certeza.

Lazarius assistia a tudo assustado, nunca vira tantos homens mortos. Tentava sentir pena, mas não conseguia. Aqueles homens tentaram matá-lo e ele sentia-se aliviado cada vez que um gritava de dor. Só restavam três guerreiros quando os grupos se chocaram, mas mesmo com a igualdade numérica, ficou clara a superioridade dos guerreiros em um combate corpo-a-corpo.

Lidarel viu o soldado chegando e tentou sacar o punhal, mas não teve tempo. O soldado girou a espada por baixo e a levantou com força, acertando a virilha do elfo. Lidarel soltou um chiado quase inaudível e tombou para o lado sangrando.

Eluviel viu seu irmão morrer bem ao seu lado, sem que pudesse fazer nada. Um ódio incontrolável cresceu dentro dele, fazendo-o avançar contra o assassino, esquecendo seu próprio adversário. O soldado deu uma estocada e Eluviel recuou, aparando o golpe com o arco. O soldado retomou o equilíbrio e tentou cortar o elfo de cima para baixo, mas Eluviel deu dois passos para o lado e deixou que a lâmina se chocasse contra o chão. Então, com um movimento rápido, levantou o arco e bateu com a ponta no rosto do guerreiro, que deixou cair sua espada e deu um passo para trás, com o nariz quebrado. Eluviel aproveitou para desferir uma série de golpes com a

verga do arco no soldado, usando-a como se fosse um porrete. O ódio pela morte de seu irmão o deixara cego, e ele não percebeu que havia mais um soldado atacando-o por atrás. Uma lâmina brotou de sua barriga e o gosto de sangue lhe veio a boca. O soldado puxou a espada e Eluviel caiu, vendo o guerreiro que ele espancara se levantar e caminhar até ele, com a espada suja do sangue de seu irmão. Chorou por sua morte e pelo que seria de sua vila se os assassinos de elfo invadissem a floresta. Seu corpo já estava dormente e ele não sentiu dor quando o soldado baixou a espada cortando sua cabeça. Enfim, a paz viera.

Leodegam ficou completamente descontrolado ao ver o soldado cortar a cabeça de Eluviel. As lágrimas escorreram por seu rosto e ele jurou que vingaria a morte de seus melhores amigos. O grito de alerta de Lazarius atraiu sua atenção bem a tempo de esquivar-se do golpe de espada. O guerreiro a sua frente era mais alto e mais forte do que ele, sem falar na espada e na armadura. Iria morrer com certeza, mas prometeu a si mesmo que levaria o máximo de inimigos que pudesse consigo. Sacou o punhal, fazendo Sir Ridel rir.

– Você só pode estar brincando! – zombou Sir Ridel, levantando a espada na altura dos olhos. – Somos três guerreiros armados e protegidos por armaduras e você nos ameaça com um punhal? Renda-se, você está sozinho e não tem a menor chance.

Ele não está sozinho. – interrompeu Lazarius, colocando-se entre Leodegam e o grupo de guerreiros, com as mãos levantadas – Vocês viram o que eu fiz antes e não imaginam o que posso fazer agora. Deixem-nos ir, caso contrário, terão o mesmo destino de seu amigo na torre.

A ameaça de Lazarius fez transbordar o ódio dos olhos do cavaleiro, e ele se arrependeu disso. Estava blefando e se não funcionasse certamente Leodegam e ele seriam torturados da forma mais cruel possível antes de serem mortos.

Sir Ridel avaliou a ameaça. Realmente aquele merdinha poderia ser perigoso. Não queria deixá-los partir, mas não via alternativa, já que tinha perdido muitos homens aquela noite e não queria ver mais nenhum morto.

– Tudo bem, cadáver, vá. Mas saiba que o caçarei como um animal e não descansarei até que você tenha sofrido por cada homem morto hoje.

Um jorro de alívio inundou o coração de Lazarius. O blefe funcionara e, embora não duvidasse que o cavaleiro fosse caçá-lo, estava com Leodegam, que conhecia bem a floresta. Poderiam chegar ao povoado élfico e pedir ajuda. Lazarius começou a puxar Leodegam para dentro da floresta.

– Vamos Leodegam, venha comigo – sussurrou o mago, começando a arrastar o Elfo.

– Vá você – retrucou Leodegam, com o rosto tomado por lágrimas. – Eles mataram Eluviel e Lidarel e terão de pagar por isso.

– Você não poderá vingar-se se estiver morto.

Leodegam aceitou os argumentos de Lazarius e os dois foram se afastando do rio, caminhando para a mata fechada e quando perceberam que não podiam ser mais vistos, correram.

Sir Ridel olhou a dupla se afastando. Mais uma vez tinha de deixar o mago fugir. Entretanto, sentia que a caçada estava chegando ao fim. Olhou para os corpos no chão e depois começou a gritar ordens para os dois soldados sobreviventes.

– Enterrem os nossos – ordenou Sir Ridel, enquanto se limpava no rio. – Revistem os elfos e depois joguem seus corpos na água. Com sorte, conseguiremos envenená-la e matar mais alguns elfos malditos.

Lazarius e Leodegam andavam por entre a trilha da floresta em direção ao povoado élfico quando foram surpreendidos por uma figura humanóide, que saltou de um árvore com um pedaço de pau na mão. Se Lazarius não tivesse impedido, Leodegam teria atravessado a cabeça de Elric com uma de suas flechas.

– Elric! – exclamou Lazarius, surpreso ao encontrar o companheiro de vigia. – Mais onde você se meteu?

– Estava caminhando à noite e quando voltei, vi dois soldados guardando a torre. Pensei que pudesse ser algum grupo nosso fazendo reconhecimento mas, como não vi você, achei estranho e não me aproximei.

– E aí você não se importou se seu amigo estava em perigo e fugiu para a floresta? – perguntou Leodegam ríspido.

– Não foi bem assim – disse Elric. – Como eu disse, não vi Lazarius. Ele só poderia ter fugido ou sido preso. De qualquer forma, eu não poderia ajudá-lo se fosse capturado também. Já tinha ouvido falar que nessa floresta existia um povoado élfico, por isso, vim para floresta tentar pedir ajuda.

– Pronto. Está resolvido. – falou Lazarius para encerrar a discussão. – Agora, temos que chegar logo ao povoado élfico, só lá estaremos seguros.

Os três começaram a andar em fila. Querendo mostrar exemplo, Lazarius foi à frente para ditar o ritmo, seguido por Leodegam e Elric. Foi quando ele ouviu um grito, olhou para trás e viu Leodegam caído, com as costas sangrando e Elric segurando um punhal ensangüentado.

– NÃO! – gritou Lazarius. – O que você fez, Elric?!

– Chega disso – respondeu Elric, com expressão de desdém – Chega de lutar ao lado dos fracos. Você não vê? Não adianta, não importa o que façamos Dantsem vai perder essa guerra, e depois, será a vez dos elfos. Estou assegurando meu lugar entre os vencedores.

– Você ficou louco, Elric. Está completamente louco. Eles não querem você, assim que tudo estiver acabado matarão você também.

– Não é verdade – uma terceira voz ecoou pela floresta. – Você Elric, fez a escolha certa e estará entre os vitoriosos quando tomarmos Léon.

Lazarius – embora já soubesse – virou-se em direção à voz e viu Sir Ridel, com mais dois guerreiros o cercando. Olhou para Elric e não encontrou nada além de desprezo. Estava morto, tinha certeza.

– Isso pode te surpreender, mas não mataremos você, mago – prometeu Sir Ridel, como se lesse os pensamentos de Lazarius. O manteremos bem vivo, como escravo. E asseguro que você desejará a morte todos os dias de sua vida a partir de hoje.

Epílogo

Lazarius chegou a Treva, capital de Verrogar, amarrado e sendo puxado por uma corda que tinha sido posta por um soldado envolta do pescoço, como um cachorro sem raça. Sua visão estava turva, devido ao inchaço nos olhos decorrentes dos muitos socos e chutes que recebera durante toda a viagem. Tinha a impressão de que seu corpo estava todo quebrado e um gosto amargo de sangue velho o fazia cuspir com frequência. Ouvia a multidão gritando eufórica enquanto atirava legumes podres, pedras e excrementos de animais em sua direção. Foi arrastado por alguns metros até

a entrada do calabouço, quando o arremessaram escada abaixo. Rolou, batendo com a cabeça até cair no chão duro e frio. O calabouço era escuro e fedia a fezes. Pensou ter ouvido um murmúrio vindo do canto, acompanhado por barulho de correntes sendo arrastadas. Seus olhos se acostumaram com a escuridão até que pode reconhecer a elfa, a mesma que o havia feito descer da torre e mudado seu destino.

- O que faz aqui? – perguntou Lazarius surpreso. – Você não é uma deles?
- Fui, mas Sir Ridel disse que eu não era mais confiável por ter deixado você fugir.
- A propósito, por quê você fez isso?
- acredite ou não, eu não pretendia lhe fazer mal – respondeu a elfa, com voz de choro. – Fui obrigada. Minha família e eu fomos capturadas durante um ataque dos soldados de Verrogar a um vilarejo na fronteira e, se eu não colaborasse com o plano, minha família morreria.
- Sinto muito. Ao menos salvou sua família – Lazarius tentou confortá-la.
- Na verdade, não. Eles a mataram de qualquer forma.

Lazarius olhou a elfa chorando e sentiu pena. A situação dela era ainda pior do que a sua.

Devido à queda da torre de sinalização da fronteira noroeste, muitas outras guarnições foram pegas de surpresa e igualmente derrotadas, sendo substituídas por guarnições falsas, compostas por soldados de Verrogar. Diversas aldeias, vilas e cidades pereceram, até que as tropas do rei se dessem conta do que realmente estava acontecendo e repelissem o inimigo. Mas já era tarde, o estrago havia sido feito.

Muitos prisioneiros foram mandados para o mesmo calabouço em que Lazarius estava e ele sempre escutava uma nova história de como seu fracasso havia causado mortes e destruição para seu povo. Contudo, sabia que as pessoas eram cruéis por acusá-lo daquela forma, pois não estavam lá naquela noite. Uma noite onde tudo dera errado. Onde elfos traíram seu povo por Verrogar e um jovem mago lutou contra cavaleiros. Uma noite longa, difícil, assustadora e cansativa. Enfim, uma noite para ser esquecida.

Arnach Ronan Baromir

Por Renato Curty

Nascido no palácio de seu pai, o Conde Édipo de Baldor, no extremo sul de Plana, o gêmeo Arnach (em antigo Malês Setentrional, "morto-há-eras") foi o escolhido por Édipo, um poderoso demonista, para ser sacrificado em nome do demônio MaldorFruz. Seu irmão, Philis ("Luz", em élfico do oeste) foi entregue nos braços de sua mãe, Éalana, enquanto mentiam sobre a morte do outro gêmeo.

O ritual profano seria realizado por Édipo na floresta élfica Shagrat. Seria, se não fosse a intervenção dos elfos florestais daquele lugar. O conde foi banido e seus diáconos morreram perfurados por flechas élficas. Os elfos, então, acolheram a criança que seria sacrificada julgando ser este o destino escolhido por Palier.

(Arnach não conhece os fatos até aqui descritos, pois os elfos nunca lhe contaram).

Só soube que fui acolhido por elfos de Shagrat quando ainda sequer sabia falar. Na minha alma, eu sempre me perguntava o porquê disso. Essa palavra, "acolhido", é um exagero, claro. Os elfos de Shagrat, extremamente xenófobos, nunca admitiram a permanência de outro "leigo" (era como eles chamam todos os não-elfos), além de mim, nas suas sagradas florestas. Nunca recebi o carinho de qualquer "mãe" e continuamente sofria perseguições das outras crianças élficas na minha infância. Sempre soube que era adotado; o velho Éolin, sacerdote do templo de Palier, fazia questão de me dizer isso a cada oportunidade. Entende meus questionamentos agora? Será que o morrer abandonado não teria sido menos sofrido?

Nessa época, realmente, não me importava em fazer o trabalho pesado, numa tentativa desesperada de uma criança em ser aceita. Todo meu trabalho era nada para eles... até os meus dez anos de idade, nunca haviam me ensinado o Élfico, nem letras nem palavras. Todos falavam comigo o Malês comum, usavam comigo a língua dos homens para que eu nunca me esquecesse de minha condição de ser um humano, e não um elfo. Claro como o Sol, não?

Como eu era mais forte que a média (aliás, tenho certeza, se não fosse a magia, os elfos já estariam mortos há eras – como o meu nome), fui designado para ser treinado como um guerreiro. Eles confiavam apenas no arco e alguns poucos usavam gládios. Queria que me tornasse um arqueiro, porém a essa altura já estava revoltado com a maneira como todos me tratavam e rejeitei o treinamento militar élfico. Obviamente, fui punido.

Como punição, me colocaram na escória de toda a sua sociedade, a pior ocupação para um elfo: eu seria um lenhador. Era engraçado, cômico mesmo, já que no inverno todos precisavam de lenha, mas oravam antes, durante e após a queima, com medo de que Maira, sua deusa, os desgraçasse. Posso não ser sacerdote, mas se uma deusa precisa de orações tão falsas assim, palavras essas apenas para proteger seus interesses, que dirá do lugar que Maira tem preparado para eles assim que morrerem...

Como nas outras estações eu ficava mais livre e, embora os elfos mais jovens jamais admitissem, era muito inteligente, por isso fui recebido como pupilo por Eliad Wood,

um mago elementalista de Shagrat. Pelo menos um terço dos elfos adultos (acima de cento e vinte e três anos) passavam pelo colégio da luz de Shagrat (Colégio Lítuen – luz eterna, em élfico). Poucos realmente ficavam. Passei então a acreditar nas palavras que o velho Éolin sempre dizia: “Palier só abençoa os escolhidos. Os outros são leigos, nada mais”.

Com doze anos, Eliad me ensinou a escrita élfica, história, geografia e princípios de teoria mágica. Aos treze já havia dominado a língua élfica, a lógica dos números e já sabia concentrar Energia Elétrica nas mãos, mesmo que ela não saísse de lá. Foi aí que recebi meu primeiro sobrenome — Ronan, que significa “meia-luz”.

Nunca mais parei de aprender. Conheci a manipulação de luz e escuridão e poderia até matar um desavisado com o Raio que eu liberava, apesar da dificuldade em me concentrar. Dentro de um ano iria começar a aprender manipulação de ilusões, o trunfo dos elfos. Sim, ainda que essa idéia desagradasse sobremaneira os outros magos, que eram realmente elfos. Isso deveras me aborrecia, mas sempre confiei em Eliad (afinal ele me ensinou muito e me apoiou como um pai faria a um filho). Nessa época, eu tinha pouco mais que quinze anos.

Mas o destino não estava em minhas mãos. Durante uma incursão de um grupo de oito anões, que estava bem próximo da floresta, um combate aconteceu. Como os elfos são covardes, atacaram à distância com seus arcos frágeis. Os anões, apanhados de surpresa, nem tiveram tempo de reagir. Pelo que sei, apenas 3 sobreviveram, mas pessoalmente só conheci um: Artinc Moa Baromir, filho de Torin, Senhor de Baromir, uma cidade dos Anões.

Como nenhum elfo queria se aproximar dos leigos mais odiados por eles, eu fui designado para levar seu prato de trigo com água todas as manhãs e todas as noites. Artinc tentou falar comigo na sua língua várias vezes, porém vãs eram suas tentativas, eu pouco as entendia, apenas olhava atentamente. Ele acreditava que eu só falasse élfico, até que um dia, sem querer, eu assoviei uma cantiga de ninar em Malês. Grande foi a minha surpresa ao vê-lo completar a música com um belo acorde!

Nossa amizade durou apenas 4 meses. Nesse tempo eu conheci toda a honra e lealdade que são inalienáveis aos anões, assim como um pouco de sua língua (que, aliás, recebia muito mais reverência que o próprio élfico, que dirá o malês com o qual eu era humilhado). Infelizmente, o príncipe morreu de desgosto, pelo que sei, mas os guardas élficos registraram por fome já que ele pouco se servia da ração pobre que recebia.

Para ser sincero, a meu ver, havia crueldade élfica na morte do prisioneiro. Apesar de não ter voltado a treinar como guerreiro, um manual escrito por uma ordem de cavalaria de Plana (que eu retive comigo) falava, em um capítulo, sobre prisioneiros. Eles teriam direito à alimentação justa, entre outros direitos, e eu comecei a questionar ainda mais os valores élficos. Pelo menos daqueles que viviam naquela floresta maldita.

Mas, agora sim eu entendo a quem pertence o destino. Pouco depois da morte de Artinc, os deuses permitiram que um grande grupo de anões viesse às florestas de Shagrat em busca do príncipe e sua comitiva. Sem dúvida, todos eles morreriam em combate, afinal eu conhecia a magia élfica e também seus arcos. Além disso, a floresta possuía diversas armadilhas.

Com o que aprendi sobre cartografia com Eliad, passei duas noites e um dia fazendo um mapa detalhado dos esconderijos, armadilhas e tesouros do povo florestal. Naquela noite, orei a Palier para que me dissesse o que fazer com o conhecimento que eu havia passado para o papel: queimar ou enviar ao comandante das tropas anãs.

Era uma noite de inverno, algumas famílias élficas reclamavam que eu não havia entregado a lenha, mas certamente, nas horas em que se seguiram, houve fogo suficiente para aquecer toda a floresta. Como os anões enxergavam no escuro e possuíam o meu mapa, seu ataque foi fatal. Não entraram no templo de Palier, como eu havia pedido. Porém, quando estava quase tudo terminado, eles foram até lá e me arrastaram para fora da floresta.

Nem sei por quanto tempo viajei. Acho que tinha uns dezessete anos quando me encontrei face a face com Torin Punho de Ferro, Anão-Chefe de Baromir. Diante daquele ser menor do que eu, porém com uma imponência digna de invejar o mais destemido gigante, fui interrogado acerca do seu filho, o príncipe Artinc. No início vi a expressão de alegria nos seus rostos barbados quando, pronunciando o pouco que havia aprendido na Voz da Pedra, contei sobre a nossa amizade. Mas logo o desapontamento ficou nítido quando souberam de sua trágica morte. Até hoje me lembro das palavras de Torin:

— “Arnach, não te preocupes, tu agora és amigo do povo anão das montanhas e minas de Baromir. E eu, como líder de todo este povo, sou o primeiro a te trazer para a minha casa e beberás e comerás o que eu beber e comer”.

Depois eu soube que nunca houvera na história desse povo (e eles viviam há mais tempo do que um humano e suas dez gerações seguintes possam contar) uma homenagem assim a um homem, na qual este recebesse o sobrenome de um soberano anão. Ao contrário dos elfos, durante todos os anos que vivi entre os anões (pelo menos seis anos), nenhum deles mostrou-se invejoso de tal honraria por mim recebida. Trazia no peito o símbolo de Baromir e ganhei um machado tão grande e tão belo que pensei em deixar de lado os caminhos da magia.

Em alguns momentos, nós controlamos o nosso destino. Foi assim que, deixando a casa de Baromir e todos os anões, depois de tantos anos de lutas e aventuras, busquei conhecer o mundo que me foi negado quando era criança. Nunca soube sobre o paradeiro de meus verdadeiros pais; nem verdades, nem boatos. Talvez os elfos soubessem, mas mesmo que eles desconhecessem quem causou a ruína das suas sagradas florestas, não pude reunir forças para voltar lá.

Resolvi, então, atravessar toda Plana e chegar até Calco. Não foi fácil, tive que me unir a um grupo de aventureiros que seguiam na mesma direção. Eles estavam à procura de uma espada mágica. O mago desse grupo me disse o poder do meu machado Bonarff (lâmina-larga, em escrita dos anões), afirmando ser possível concentrar nele ainda mais poder! Como eu segui para Calco, ele me disse para procurar o Colégio Livre de Basf, que eles estariam dispostos a me auxiliar.

Ele estava certo. Assim que cheguei, fui recebido por dois elfos dourados (confesso que, apesar de viver toda a minha juventude entre eles, jamais vi sequer um destes). Prontamente me levaram a conhecer o Colégio. São homens e até mesmo mulheres (em sua maioria elfas) que se reuniram com o propósito de ensinar magia e desenvolver novas técnicas místicas. Por ser um Colégio Livre, quase todas as raças estavam representadas, exceto os anões por sua inaptidão (apenas Blator sabe o

porquê disso) e os pequeninos que também não são capazes de usar a magia (e eu, particularmente, acho melhor assim).

Busquei o poder dos elementalistas, como vi no último grupo de aventureiros no qual pertenci. Procurei conhecer os ventos e a terra. Sabia que o fogo era importante, mas a Luz mais do que supria sua falta para mim. Por haver poucos mestres nos mistérios das águas, nunca me interessei por essa arte, mesmo tendo provado de seus poderosos dardos congelados, em treinos ao ar livre no vale secreto em que se encontrava o Colégio Livre de Basf.

Conheci o terror dos necromantes, revivi o poder das ilusões e li sobre os deuses do panteão. Percebi que adorava os maiores deles: Palier, dos elfos, magia e conhecimento e também Blator, que aprendi a respeitar durante a minha estadia entre os anões. Li sobre os itens mágicos, principalmente com Meduseld, um elfo que se tornou meu maior amigo desde o meu nascimento. Acho que por ele ter sido rejeitado (nasceu cego de um olho), ele veio a se tornar um elfo mais rude que todos os outros que já conheci. Mesmo assim ele era honrado e de bom coração. Meduseld era ourives em Basf e instrutor para reconhecimento de itens.

Estava há pelo menos sete anos entre aqueles valorosos magos, quando, por mais uma vez, disse a Meduseld que queria partir, que sentia meus pés como adormecidos por viver tanto tempo no mesmo lugar. Faltavam apenas três semanas para meu aniversário e ele insistiu para que eu ficasse, pois gostaria de experimentar uma nova técnica que havia desenvolvido com a ajuda de magos do fogo.

Foi então que recebi pela segunda vez o mesmo presente. Meu machado Bonarff havia sofrido uma transformação pelas mãos do meu amigo quando, num trabalho primoroso, recapeou sua lâmina com uma liga de prata com pedras esmeraldas. A afinidade das pedras preciosas com a retenção de mana é conhecida há milênios e foi o que percebi quando pude invocar poderes mágicos usando o Karma pertencente ao meu novo machado, chamado agora por Meduseld de Elessar, a Lâmina Élfica.

Deixei com ele, além da minha gratidão, os originais da minha magia mista criada através dos meus estudos com os elfos e minha técnica com machados — o encanto "Corte Luminoso". O feitiço ainda não estava completamente desenvolvido, não obstante com o que estava escrito muito já poderia ser feito. E este foi o clima de nossa despedida.

Dessa vez, não pensava no destino. Meu destino era o mundo. Saí para conquistá-lo a ferro e magia. Quem sabe o que os deuses guardam para o futuro?

O Cálice

Por Thiago Gomes da Silva

Cidade de Caliana, Reino de Marana, Outono de 1500 D.C.

É entardecer na cidade que faz fronteira com a Floresta de Fiorna. Logo após encontra-se o Reino de Luna assolado pela peste. Faz um pouco de frio em Caliana. Venta muito, a cidade fica silenciosa e indiferente. Ela está com um aspecto dourado devido ao baixar do Sol, decorada com um verdadeiro tapete de folhas-secas num tom amarelo-alaranjado. Caliana sabe que o inverno virá em breve, os pinheiros de Fiorna estão anunciando isso, a maioria está perdendo já as últimas folhas. Maira Vet sopra o fim do Outono.

Mas o silêncio da cidade não é unânime. Na casa do Mestre Armeiro Balder, há muita inquietação: na cama, Letícia, sua mulher, envolta em lençóis, geme, sem parar, de dor e febre, deixando-o muito preocupado. Do lado de fora do quarto a porta é aberta e ele vai em direção ao homem que a examinava, perguntando ansiosamente:

— E então, ela vai ficar boa não é? Eu sei que vai, ela é muito forte...

O homem é Algamir, um mago. Ele responde com a mão direita no queixo:

— Meu velho amigo, tente se acalmar. Infelizmente devido a forte febre, as manchas pelo corpo e as bolhas, ela realmente está com a peste.

Balder sente uma faísca de desespero percorrer-lhe o peito, é como se ele já soubesse disso, mas precisava escutar a confirmação de uma mente sábia. Então ele diz confiante para Algamir:

— Eu temia sua resposta, mas ela já era aguardada, por isso tomei a liberdade de convocar nossos antigos companheiros. Estou aguardando-os ainda essa noite.

Algamir, com um simples olhar, concorda, e pensa sobre o reencontro da Espada Celestial.

Anoitece, a temperatura baixa mais ainda. Balder, juntamente com Algamir, recebe seu antigo grupo de aventuras com um olhar pesado e triste. O primeiro a chegar veio das vizinhanças; da floresta de pinheiros de Fiorna. Ele é Elryn, um Rastreador elfo florestal, que porta o Arco do Longo Alcance. Essa arma mágica, como o próprio nome diz, é capaz de lançar flechas até o limite da visão do portador, e atinge o alvo com o mesmo impacto de um disparo à distância normal. Essa propriedade somado com os sentidos bastante aguçados de Elryn o tornam um Rastreador temível em batalhas.

Logo após, Justine, uma sacerdotisa de Selimom, o Deus da paz e do amor. Ela veio de Magiara, cidade ao norte, referência em tratamentos médicos de toda Tagmar. Justine sempre foi muito dedicada a sua fé, mas durante o convívio em aventuras por anos com Balder, aos poucos foi apresentada a sentimentos desconhecidos e proibidos para pessoas que exercem o sacerdócio. Ela teve de deixar a Espada Celestial na tentativa de enterrar esses sentimentos, indo ajudar os doentes em Magiara para seguir sua vocação.

Todos estão comovidos com o estado de Letícia. Os dois fizeram uma breve visita a ela e deixaram palavras de esperança. Em seguida, foram conversar próximos à calorosa lareira. Lá, Balder, com os olhos marejados, prepara no fogo um delicioso cozido com carne de cervo e legumes. No meio do fúnebre silêncio Balder começa o discurso:

— Há cinco anos não nos vemos. Gostaria que nosso reencontro fosse de outra forma, mas como vocês viram, minha amada Letícia está com a peste. Eu os reuni essa noite, em nome de nossa antiga amizade, para decidirmos como ajudá-la: vocês estão comigo?

Um “sim” unânime é ouvido. Justine olha para Balder e timidamente diz:

— Em Magiara há outros doentes. Mas lá, graças a Selimom, conseguimos prolongar e ajudar a vida dos portadores da peste, mas ainda não conseguimos curá-los. Se você quiser será um prazer cuidarmos de Letícia. Como ela contraiu a doença?

Balder aceita o convite de Justine e explica:

— Letícia é natural de Luna. Sua família morreu com a peste e apenas ela escapou. Todos os anos ela visita o túmulo de seus pais, e todos os anos eu brigo com ela por isso. Digo que é muito perigoso, mas ela nunca me entende. Mas dessa última vez, há semanas atrás, ela me falou que encontrou lá uma criança, que estava faminta, e que também tinha vindo visitar o túmulo de sua família. Comovida, Letícia resolveu dividir com ela suas provisões. Depois de dias ela começou a se sentir mal.

Elryn, atento aos fatos, diz:

— Sei que Algamir têm pesquisado muito sobre essa doença, talvez ele possa nos dizer mais sobre a peste.

Algamir sente-se instigado de certa forma pelo elfo, e diz:

— Realmente andei estudando muito sobre a peste, pesquisei na memorável biblioteca de Saravossa e comecei a desconfiar que deve existir algum de tipo de “disseminador” da doença. Cães, gatos, ratos, não sei muito bem ao certo...

Ele é interrompido por Justine que diz:

— Está tirando conclusões erradas, mago. Sei de pessoas que morreram com a peste porque decidiram roubar objetos de valor na cidade fantasma de Varteli. Isso só pode ser um castigo dos deuses, a não ser que queira incluir quadros e prataria na sua lista de disseminadores.

Balder sente a necessidade de apaziguar os dois e fala:

— Castigo dos deuses ou não, eu não quero perder minha esposa. Vocês concordaram em me ajudar nisso. Vamos escutar Elryn, ele traz uma importante notícia.

Algamir ainda resmunga alguma coisa como: “é impossível manter um diálogo racional com sacerdotes...”, e Elryn explica:

— Ouvi rumores de que há sobreviventes em Dariati. Um grupo de pessoas que não estão doentes, o que é possível graças a um cálice miraculoso.

Balder completa:

— Então foi por isso que eu os reuni. Gostaria que todos fossemos à Dariati investigar isso, e caso seja verdade, poderemos curar Letícia e outras pessoas.

Após algumas horas de conversa a Espada Celestial decide seguir viagem pela manhã. O nome, Espada Celestial, é por causa da arma que Balder possui. É uma herança de família. Ela foi forjada pelos anões há mais de 120 anos, com um estranho tipo de

minério levemente azulado que veio de céu. Ela é uma espada longa, extremamente resistente e de uma leveza sem igual. Algamir estudou um pouco sobre ela e concluiu: “Ao entrar no céu, meteoritos atingem altíssimas temperaturas e, quando colidem com o chão, há fortes pressões agindo. Tudo isso favoreceu uma estranha mistura de minérios contidos no meteorito, resultando num tipo único de material”. A família de Balder teve sorte em possuir esse objeto produzido pelo mero acaso.

Ao amanhecer eles partem com seus respectivos equipamentos: armaduras, espada, flechas, símbolos sagrados e tomos de magia.

A viagem completa até Dariati durou três dias. Nesse período nada de importante aconteceu. Pelo caminho eles encontraram algumas pequenas comunidades abandonadas e nenhuma alma viva seguindo em direção ao reino de Luna.

A Espada Celestial chega em Dariati à noite. Todos ficam um pouco nervosos: a cidade está totalmente desabitada. A escuridão só é vencida graças a uma luz que emana do cetro de Justine. O cheiro de morte é muito forte e embrulha o estômago. Há alguns corpos cheios de manchas negras e bolhas pelas axilas e entre as pernas. Cadáveres de homens, mulheres, crianças, velhos e até mesmo animais. Todos abandonados pelos restos das casas, mostrando o horror de uma morte sofrida e dolorosa estampado no rosto. As pedras que cobrem o chão estão muito desgastadas e a grama cresce até a altura de um homem. As paredes das construções estão em ruínas. Muitos estabelecimentos nem possuem mais o telhado. Pelas ruas há muitos utensílios e móveis velhos, provavelmente os ladrões têm visitado Dariati frequentemente.

Ao ver tudo isso Balder lembra-se de Letícia e um desespero faz gelar sua alma. Justine parece perceber isso e aproxima-se dele tentando tranquilizá-lo. Elryn, o Rastreador, como de costume, segue à frente. A escuridão não lhe atrapalha tanto assim. Ao longe ele vê algo e rapidamente retorna para convocar o grupo. Todos o acompanham e ficam perplexos com o que estão vendo: é uma construção bem conservada, um templo. Justine rapidamente reconhece o símbolo da divindade e avisa que se trata de um templo de Palier, o Deus do conhecimento e da magia. A Espada Celestial aproxima-se do templo, menos Algamir que, desconfiado, segura um pequeno cristal transparente e concentra-se numa magia. Aos poucos ele vai ficando translúcido até ficar invisível por completo.

Na porta do templo Elryn avisa que está escutando passos aproximando-se. Rapidamente o grupo se prepara para não ser surpreendido. A porta de madeira pesada começa a se abrir lentamente, e um homem de meia-idade, segurando uma vela e vestindo roupas sacerdotais, é visto por todos. Ele diz:

— Sejam bem-vindos à Casa do Conhecimento. Palier abençoe a todos aqueles que vêm em paz e que não queiram roubar, nem profanar os mortos.

Desconfiados todos olham para Justine, que usa seus poderes divinos. Ela fecha os olhos rezando silenciosamente na tentativa de detectar maldades naquela pessoa. Ela afirma que não consegue sentir más intenções no homem. Balder toma a iniciativa e fala:

— Somos a Espada Celestial, não somos profanadores de cadáveres. Viemos aqui porque escutamos notícias de que nessa cidade havia um grupo de pessoas sobreviventes da peste e então queríamos saber como isso era possível. E a propósito, quem é você?

O homem responde:

— Meu nome é Bartolomeu. Sou o mestre do templo de Palier em Dariati, e apenas a fé em Palier conseguiu nos manter vivos. Ele nos agraciou com um Cálice Sagrado capaz de curar a peste.

Balder sente-se mais esperançoso: talvez a cura para Letícia esteja ao seu alcance esta noite. Porém, fica muito desconfiado, mesmo depois da detecção de Justine.

O homem lança o convite para que todos entrem. Muito atentos eles aceitam. Dentro do templo eles conversam muito com Bartolomeu e vêem doze sacerdotes.

Bartolomeu segue pelos corredores explicando:

— Os anos de peste tinham sido difíceis. Pouco a pouco todos nós estávamos contaminados. Mesmo assim nunca desistimos de nossa fé, e quanto mais piorávamos, mais rezávamos para Palier. Até que depois de muitas orações, numa determinada noite Ele me enviou um sonho sagrado, no qual me concedeu o dom de abençoar um cálice para curar a todos nós. Mas Palier advertiu que futuramente outros viriam em busca do Cálice e que nesse dia em diante eu saberia que minha missão era espalhar a cura da peste por toda Tagmar.

Elryn escuta a história e pergunta:

— Mas se a cura para peste estava aqui esse tempo todo, então por que vocês não decidiram espalhá-la por toda Tagmar?

Bartolomeu responde:

— É porque foi assim que Palier me disse. Os Caminhos Dele são complexos demais para nós, meros mortais, entendermos. Ele, em toda sua sabedoria, deve ter um plano divino para isso, por isso vocês estão aqui, não é guerreiro?

Bartolomeu diz isso olhando para Balder, que cada vez mais se mostra interessado nessa história de cura para peste. A esperança está acesa em Balder, seus olhos não mentem, e ele diz:

— Se Palier designou que nós iríamos espalhar a cura da peste em Tagmar, então devemos aceitar essa missão sagrada. Primeiro ajudaremos Letícia e em seguida os outros.

Justine segura o elfo pelo braço delicadamente e cochicha:

— O que será que está havendo com Balder? Ele sempre foi cauteloso e tolerante, mas agora parece ansioso demais para utilizar o Cálice. Isso pode ser muito arriscado. Onde estará Algimir, aquele mago covarde?

Elryn responde no mesmo tom:

— Acalme-se. Foi você mesma quem disse que não havia sentido maldade no homem. Balder está desse jeito por causa de Letícia, ele quer salvá-la a todo custo e Algimir deve estar se escondendo em algum lugar, mas tenho certeza de que ele nos ajudará se preciso.

Todos percebem como o lugar está impecável: corredores bem varridos, móveis bem cuidados, prataria e utensílios metálicos refletindo à luz de tochas. Eles estão no fim do corredor principal que dá acesso à nave do templo, lá eles vêem um altar com pinturas douradas. Próximo ao altar existe uma mesa e no centro um cálice de ouro adornado com pedras preciosas vermelhas que chama atenção de todos. Justine sente-se angustiada na presença do objeto. É como se o cálice a incomodasse.

Bartolomeu e os outros sacerdotes seguem em direção à mesa e fazem uma reverência ao altar de Palier e outra ao Cálice. Bartolomeu diz alto:

— Esta noite termina o flagelo de Tagmar, pois vocês irão curar os pestilentos. Onde antes havia dor, vocês levarão alívio; onde antes havia sofrimento, vocês levarão conforto. Espero que todos estejam cientes do compromisso sagrado e do peso da responsabilidade que terão de agora em diante. Se todos aceitam isso, então eu, Bartolomeu, mestre do templo de Palier em Dariati, entrego a você, Balder, líder da Espada Celestial, o Cálice Sagrado de Palier.

Balder segue para o altar. Ele está muito convicto disso, afinal, toda essa cidade está morta e se existe algum tipo de vida aqui só pode ser obra de um milagre. Além de mais Justine já havia dito que não existiam maldades em Bartolomeu.

Na esperança de curar Letícia, Balder aproxima-se da mesa. Algamir surge diante de seus olhos, gritando:

— O que pensa que está fazendo?! Está louco?! Tudo isso é uma farsa! Você não consegue perceber isso?! Ele não é Bartolomeu! Não existia templo algum de Palier em Dariati! Ele deve ser um demônio tentando nos enganar!

Bartolomeu desloca-se e rapidamente arremessa Algamir com apenas um dos braços, dizendo com um sorriso cínico no rosto:

— Ele desconfia disso, mas está cego. Ele quer levar este cálice porque quer tentar curar sua amada de todo jeito. Não importa o que vocês façam, não conseguirão impedi-lo. Venha Balder, venha. Esta é a cura que você tanto almeja. Venha, sua Letícia não pode mais esperar, pois a dor é muito grande.

Ao ver isso, Elryn começa a disparar flechas rapidamente, mas os outros sacerdotes protegem Bartolomeu. As flechas transpassam os alvos. Justine tenta impedir Balder, mas ela não está conseguindo. Ele parece estar num estado hipnótico. Apenas anda e repete o nome de Letícia. No chão, Algamir vira-se furiosamente em direção a Bartolomeu pronunciando palavras de poder em voz baixa. Em sua mão esquerda uma chama ondulante surge e em seus olhos o brilho frenético de quem canaliza uma grande quantidade de Karma. Ele diz:

— Mostrem seus verdadeiros rostos, criaturas imundas, e queimem todos no fogo da minha ira!

Com os punhos cerrados e os olhos incandescentes, Algamir sonda toda a nave da igreja e a cada inimigo que ele lança o olhar, as chamas surgem instantaneamente tomando o corpo por inteiro. No chão todos se contorcem em chamas, menos Bartolomeu, que continua de pé em meio ao fogo.

As chamas clareiam todo o templo: as paredes, os móveis, juntamente com os corpos dos outros sacerdotes começam a virar pó e somem no ar. Parece que as ilusões estão se desintegrando, menos o cálice. Toda igreja está com um aspecto velho e abandonado agora. Justine abraçava Balder na tentativa desnecessária de protegê-lo do fogo, que nada fez ao grupo.

Elryn prepara mais flechas, vendo que as chamas nada fizeram a Bartolomeu. Este parece bem diferente agora. Ele cheira a enxofre, possui olhos verdes brilhosos e uma espécie de couro cobrindo todo corpo. Além de presas, garras, chifres e um par de asas. A criatura meio humanóide solta um urro assustador e arqueia suas asas alçando vôo. Lá de cima ela parece escolher um alvo e inicia sua investida.

Balder parece ter saído do estado hipnótico e percebe que as coisas em sua volta não estão muito boas. Ele empunha sua espada e prepara-se para o ataque da criatura juntamente com Algamir.

Balder lamenta por ter caído no controle da criatura e vê Elryn disparar e acertar rapidamente oito flechas nela. Uma atrás da outra, porém o demônio vem de encontro

a ele. Elryn tenta desviar, mas é tarde demais e é atingindo. Com o impacto, Elryn foi arrastado no chão, derrubando paredes velhas e escombros. Justine corre em direção ao Rastreador para curá-lo e vê as marcas de sangue num rastro que se estende por 6 metros, mas ela é surpreendida pela criatura, com uma combinação de fortes ataques com as garras. Ela tenta se desviar, mas a criatura é muito rápida e atinge violentamente seu abdômen sucessivas vezes. Justine tomba sangrando muito.

Balder prepara sua espada. Ele pensa em Letícia e vê Justine quase morta no chão e investe com fúria numa seqüência de golpes contra a criatura. O demônio desvia-se dos primeiros, mas é atingido por outros, recebendo profundos ferimentos.

A criatura urra de dor, seu sangue brilhoso e negro espirra em todas as direções e atinge a armadura de Balder, que começa a derreter em alguns pontos. A dor é causticante e insuportável, fazendo Balder perder a atenção. O demônio aproveita-se disso e o imobiliza facilmente. Algimir, que já se preparava para lançar outra magia, desiste com medo de ferir o amigo.

A criatura está prestes a matar Balder, mas percebe que Justine ainda consegue rastejar em direção ao Cálice. Ela quer usar sua Aura Sagrada para tentar destruir esse item profano. O ser maligno sente-se ameaçado. Cada metro que ela rasteja em direção ao Cálice faz com que ele sinta o medo da destruição. Vendo isso ele grita numa voz inumana:

— Esperem! Se ela tocar no Cálice será destruída juntamente com o item! Balder jamais irá conseguir curar sua mulher!

Balder escuta isso. Por um instante ele pára de tentar se libertar da imobilização e da dor causada pelo contato com os fluídos demoníacos. Então ele grita:

- Algimir! Lance sua mais poderosa magia! Sei que não vou resistir, mas destrua essa coisa! Salve Letícia!

Algimir sente um pouco de receio, pois não quer perder o amigo, mas por outro lado ele não quer morrer, já que ele está muito cansado. Sem perder muito tempo, o mago reúne todo o Karma restante e um pouco de sua energia vital. Ele começa sangrar levemente pelo nariz e olhos em sacrifício a essa poderosa magia. No local onde está a criatura e Balder, tudo começa a virar pó lentamente à medida que o vento sopra. A criatura percebe isso e grita:

— Você é louco, isso vai nos destruir!

Justine desesperada com a possibilidade de nunca mais ver Balder, decide segurar o Cálice, rezando para que Selimom aceite seu sacrifício. Lentamente ela vai perdendo a consciência e vê diferentes lembranças de sua vida, desde sua ordenação como sacerdotisa até o dia em que conheceu Balder e os outros. Ela desaparece em meio a uma forte luz ofuscante que se forma. No meio da luz um urro de dor e desespero da criatura pode ser ouvido por quase todo reino de Luna.

Ao terminar o clarão, Balder chora por Justine. E vai em direção a Algimir que se encontra muito debilitado. Ele ergue o mago que diz:

— Jamais me peça para fazer isso novamente. Não tenho direito de decidir entre minha vida ou a de um amigo.

Elryn também começa a erguer-se com muita dificuldade entre os escombros. Ele percebe o que está acontecendo, ignora a dor e vai na direção de seus companheiros. Elryn esteve atento a tudo e também lamenta a perda de Justine. Ao se aproximar de Balder ele tenta confortar o amigo que parece carregar todo o fardo da morte de Justine. Algimir vê isso e trata logo de explicar tudo:

— Se vocês estão tristes porque Justine morreu, devo avisar-lhes que a transportei a tempo. Quem ficou em seu lugar foi a criatura, que foi desintegrada imediatamente junto com aquela luz forte. Ela está bem ai atrás de você Balder, sob esses escombros.

Aliviados, eles ajudam Justine com os ferimentos e decidem retornar a Caliana. No meio do caminho Algimir explica que suspeitava de que Bartolomeu na verdade era Baltazar, um demônio servo de Morigalti, príncipe demoníaco derrotado há cem anos atrás em Âmiem, lar dos elfos dourados. Mas precisava confirmar isso. Baltazar provavelmente infectou Letícia. Ele devia estar preparando planos para o retorno dos demônios Bankdis e que o Cálice deveria ser muito importante para os demônios. Mas aquele objeto não poderia curar a doença de ninguém.

A Espada Celestial está novamente reunida e dessa vez o objetivo deles é procurar a cura para Letícia e os outros doentes, além da obrigação de tomar providências contra o retorno dos Bankdis. Que tipo de aventuras Tagmar reservará para eles?

Dírtan

Por Alexandre Romero Inforzato

Quando narro essa história, sou comumente recompensado com reações que vão da discreta incredulidade a manifestações exuberantes de zombaria. Em parte isso é compreensível – já que sou um bardo e as pessoas nem sempre associam a fina arte de entreter audiências com uma profissão de verdade. Contudo, garanto que a narrativa a que darei início não teve de maneira alguma seus fatos adulterados para melhor granjear a simpatia de meus ouvintes. Ela é, em si, mais do que suficientemente fantástica.

Chamam-me Silvus Vauno e sou natural de Saravossa, a capital do mundo civilizado. Quando atingi a maioridade, decidi correr o mundo para adquirir experiência e ouvir com meus próprios ouvidos os segredos confiados pelos viajantes embriagados em seus transe etílicos. Percorri desde então vários reinos, até acabar me perdendo ao longo da travessia montanhosa para a Levânia setentrional – quando o jovem rastreador que seguia comigo foi vitimado pelo excesso de confiança na própria capacidade de distinguir entre frutos inofensivos e venenosos. Foi assim que cheguei ao remoto vilarejo de Ludan.

Ali conheci um outro andarilho. Trajava uma capa de viagem cinzenta muito empoeirada e suas botas, de tão gastas, pareciam prestes a abandonar as solas. Despertou-me a atenção, sobretudo, a maneira austera com que o viajante empunhava o cajado, bem como os adornos invulgares que a indumentária sóbria porventura revelava. Estava na taberna quando ele chegou e caminhou até o proprietário, sussurrando alguma coisa enquanto lhe depositava uma peça de ouro nas mãos. O pobre homem, lívido, ofereceu uma mesa ao viajante e desapareceu instantaneamente pela porta da cozinha, retornando em seguida com várias garrafas de vinho e um copo de vidro.

O andarilho, então, baixou o capuz e pude ver que se tratava de um elfo, o que atizou minha curiosidade enormemente. Vi a oportunidade de desvendar-lhe a história quando o sujeito começou a esvaziar furiosamente um copo de bebida atrás do outro. Aguardei até que a segunda garrafa estivesse vazia para me apresentar.

“Saudações!”, aproximei-me com uma mesura, “Noto que és, como eu, um viajante sozinho nestas terras ermas”, prossegui, descansando a mão sobre o encosto de uma cadeira, “Se não te causa incômodo, desejo sentar-me à tua mesa, pois tenho o espírito onerado pela solidão da estrada”. O elfo, com expressão serena, estendeu então a palma aberta em direção à cadeira, num gesto de consentimento.

“Sou Silvus Vauno, poeta e trovador”, declarei enquanto me acomodava, “Ando pelo mundo em busca de inspiração e lendas, porém sofro o infortúnio de ser consistentemente privado de meus companheiros de viagem”.

“Chamo-me Dírtan”, tornou calmamente o elfo, com dicção perfeita apesar do forte sotaque, “Bebamos juntos, pois vejo que experimentamos desventuras semelhantes”.

“Perdeste algum ente querido?”, usei indagar, tendo reconhecido na voz de meu interlocutor o acento ligeiramente ébrio característico dos que têm uma história para contar e estão apenas à espera de uma boa desculpa para fazê-lo.

“Os demônios da desgraça e da ironia acompanham-me desde sempre”, principiou o elfo, empurrando o copo para mim e levando uma das garrafas à boca pelo gargalo, antes de prosseguir:

“Acontece que sou um mago” [disse Dírtan] – “nascido e criado num reino de elfos a várias centenas de quilômetros daqui, no coração do continente. Não, meu jovem, eu não espero que saibas onde é que fica. Na verdade, não deveria sequer ter trazido o assunto à tona. De qualquer maneira, foi onde nasci – filho de uma Casa de arquiagos cuja genealogia remonta aos primórdios de nossa civilização. Todos os meus sete irmãos e irmãs tornaram-se elementalistas de renome. Não é sem ironia, portanto, que minha paixão por artefatos e encantamentos – ramos da magia significativamente mais sutis e complexos do que o elementalismo – tenha me entregue à indiferença de meus familiares”.

Conformei-me, eventualmente, com minha sina e, farto da busca juvenil por prestígio e aceitação, tomei gosto pelo isolamento. Liderei uma expedição arqueológica no extremo sudeste de Tagmar, onde desperdicei vários anos da minha vida em tentativas vãs de desvendar o segredo do Domus. Que Domus? Meu caro, se eu tiver que me deter para esmiuçar cada detalhe dessa história, não vamos a lugar algum. Basta dizer que, frustrado por meus magros progressos, estive à beira de abandonar tudo e reiniciar meus estudos em outro ramo da magia. Foi então que o acaso interveio.

No longo caminho de volta, fomos surpreendidos por uma nevasca terrível. Naquele instante, perebi que minha bússola mágica havia sido arruinada pelos anos que eu passara em Telas, estudando o Domus. Se tivesse me dado conta disso antes, poderia ter até mesmo feito algum progresso com meus trabalhos baseando-me na seqüela mística que danificara irreparavelmente o meu principal instrumento de navegação. Ali, a única coisa que isso significava era que estávamos completamente perdidos, à mercê de um clima hostil. Em situações como essa, placidez de espírito e objetividade de raciocínio são fundamentais – por isso, esmigalhei a maldita porcaria inútil numa rocha para aliviar a minha frustração.

Foi então que avistamos uma formação rochosa ao longe, e nos apressamos em alcançá-la a fim de providenciar abrigo para a caravana. Qual não foi a minha surpresa ao verificar, na manhã seguinte, que uma das faces basálticas daquele rochedo escuro era bastante regular – regular demais para ser natural, e ainda assim fundia-se perfeitamente com o restante da formação, constituindo uma sofisticada obra de engenharia provavelmente temperada com mágica.

Castiana, a especialista em runas, não custou a localizar a assinatura mágica do painel, revelando-a em letras luminosas com um encantamento de sua própria autoria. Os caracteres remetiam inegavelmente ao alfabeto élfico, exceto que a escrita era tão antiga que não permitia qualquer tradução imediata. Experimentamos com os possíveis fonemas da inscrição por várias horas, até finalmente encontrar a combinação de sons que desativou o selo místico da porta. O que encontramos além daquela passagem, no entanto, não foram os vestígios de algum santuário arruinado pelos séculos, e sim câmaras subterrâneas decoradas com estátuas e murais em perfeito estado de conservação, e corredores entrelaçados que se estendiam por centenas de metros, num dédalo interminável de escadas, rampas e canais.

Os dias seguintes foram dedicados a um processo lento e cuidadoso de exploração, o qual demandava o exercício constante de uma ampla variedade de métodos para detecção de armadilhas. Tal precaução não se mostrou em vão: a quantidade de gatilhos mágicos espalhados pelo complexo era avassaladora, limitando drasticamente

o nosso trânsito. O melhor que se podia fazer era determinar a localização das armadilhas. Não tocamos em nenhuma delas – confesso, com certo embaraço – por simples ignorância de como as desativar. Enquanto isso, Olan e Izenna (o casal de historiadores), passavam o tempo todo contemplando murais e tecendo suas teorias sobre as possíveis origens e o propósito daquele lugar. Quando finalmente nos reunimos para cruzar as informações obtidas por cada grupo, eles se mostraram convencidos de que havíamos encontrado algum tipo de prisão ou depósito de artefatos proscritos – quem sabe as duas coisas. Uma análise mais pormenorizada dos murais poderia fortalecer uma ou outra hipótese, mas isso levaria tempo.

À noite fomos despertados pelo som de um pranto desesperado vindo dos subterrâneos. Conjurando rapidamente uma esfera de luz, corri para averiguar a origem do estardalhaço, mas tudo o que encontrei foi um cadáver ressequido abraçado a um pacote de couro velho. Izenna e Olan juntaram-se a mim. Os gritos se prolongaram ainda por vários minutos – vinham de uma das várias seções do complexo cujo acesso era impedido por uma barragem maciça de armadilhas. Olan reconheceu os restos mortais de Castiana, e era obviamente a voz dela que ecoava ainda, de forma sobrenatural, pelos corredores. Ficamos então ali, perplexos e impotentes, até que as súplicas desencarnadas se reduzissem a um lamento baixo, soluçante e longínquo. “Mulher idiota”, sussurrei para mim mesmo, sinceramente penalizado com o resultado da ganância e do descuido de Castiana. Agachei-me para recolher o embrulho que custara sua vida, e dessa vez foi Izenna quem soltou uma exclamação de pavor – ela apontava um dos murais com a mão trêmula, e sua voz era um balbúcio desarticulado.

Aproximei a esfera de luz do painel e reconheci, com horror, a representação estilizada de uma elfa carregando um pacote de couro. A figura, terrivelmente assemelhada à Castiana que conhecemos em vida, exibia um símbolo curioso sobre a cabeça e estava cercada de outras gravuras – reproduções mais ou menos fiéis de cada um dos membros de nossa expedição, inclusive eu próprio – igualmente marcadas. “Então é isso que os murais fazem”, pensava apavorado, em minha desesperada corrida rumo à superfície. Não me voltei para olhar o que sufocou a voz de Izenna, não me deti para atender aos gritos de socorro de Olan. Não parei sequer para alertar o restante dos membros da excursão. Tomei o primeiro cavalo que encontrei e cavalguei durante horas numa direção qualquer, sem olhar para trás, até minha montaria cair de cansaço. Só então me dei conta de que ainda apertava firmemente o pacote de couro contra o peito.

Levei semanas para retornar ao meu reino. Quando fui encontrado por uma patrulha, estava mais morto do que vivo, de forma que não tenho memória alguma do que aconteceu entre aquele momento e o dia em que recobrei a consciência, sobre uma cama no Templo de Curas. Fiquei surpreso ao notar que estava cercado de sacerdotes e – diabos! – metade do Conselho de Arquimagos devia estar ali. Desorientado pelo longo período de inconsciência, senti a mão de minha irmã Irianna sobre o meu rosto enquanto sua voz distante dizia coisas que não faziam sentido – que eu era um herói e o regente em pessoa desejava falar-me.

Foram dias bons para mim. Talvez pelo aspecto dramático do meu retorno, ou então pelo conteúdo do pacote que eu arrastara de volta comigo – quatro livros, escritos naquela forma antiga do idioma élfico, livros de magia! O fato é que, acidentalmente, eu me tornara uma celebridade. Obviamente, não divulguei todas as circunstâncias sob as quais aqueles itens haviam sido adquiridos. Não me olhe assim, rapaz. Você, que vive de contar histórias, deveria saber como a verdade é elástica. É possível que eu tenha omitido alguns pontos secundários do que ocorreu, obtendo benefícios

indiretos do crédito absolutamente justo que me cabia por aquela descoberta singular. Era MINHA expedição, afinal. Obviamente, a situação não demorou a fugir do meu controle. Fui instantaneamente nomeado membro temporário do Conselho de Arquimagos, com a tarefa de coordenar o estudo dos tomos encontrados e já vislumbrando a possibilidade de me tornar um membro permanente, dependendo dos resultados.

Curiosamente, ocorreu que a análise dos livros já se iniciara ao largo do meu arbítrio e, a despeito da responsabilidade confiada a mim, tive a impressão de que o andamento daquela pesquisa estava em curtíssima medida submetido à minha liderança. Gritias Nendúril, celebrado estudioso de idiomas mortos, tomou as rédeas da tradução. Assim, coube a ele confirmar que os volumes em questão descreviam técnicas empregadas por nossos ancestrais para desencadear "convulsões naturais de ampla magnitude". Isso, meu caro, é uma forma acadêmica de dizer "magia elemental do tipo que altera a paisagem". Mais uma vez, que ironia! – eu ter inadvertidamente alcançando a notoriedade através de algo a que renunciara em princípio.

Previsivelmente, cada livro tratava de um dos aspectos fundamentais do elementalismo, e cada um deles foi confiada a um membro do Conselho: Ardras Trilence, arquimago-chefe do reino, ocupou-se do que tratava da terra. Fírien Niênir, célebre bruxo ígneo, a ele foi confiada o volume do fogo. Gritias incumbiu-se do que dizia respeito ao ar – e à minha irmã Irianna (o orgulho da família, diga-se) foi designado o elemento de sua especialidade, água. Eu, Dírtan Galatór, passei então a funcionar como uma espécie de consultor, efetivamente mais um observador do que participando dos experimentos. Engraçado como a política tem o poder de subverter a ordem das ciências... Ressentimento? Ora, não seja tolo, bardo.

No princípio, infelizmente, as coisas não correram tão bem. Após vários meses de estudo e experimentação em localidades remotas, os encantamentos mais simples ainda causavam inúmeros efeitos adversos aos praticantes – vômitos, náuseas, ulcerações e queimaduras graves. Tais reveses, ainda assim, eram frequentemente eclipsados pela euforia de cada pequeno progresso. A única coisa que me causava real pesar era assistir ao suplício de minha irmã, cujo corpo sofria mais do que os outros os efeitos da busca obstinada por conhecimento e poder. Mais de uma vez procurei dissuadí-la de prosseguir com aqueles estudos. Nessas ocasiões, ela me retribuía com uma frieza em nada condizente com sua índole habitualmente suave e afetuosa.

Determinado, de qualquer maneira, a aliviar seu sofrimento, comprometi-me intimamente a divisar um modo de prevenir os efeitos deletérios daquela magia, assim como seus usuários ancestrais certamente teriam sido capazes de fazê-lo. Foi então que encontrei, num dos livros, a descrição de certa cerimônia pela qual a proteção de um espírito arcano seria invocada. Parecia, na verdade, mais um conjunto de orações do que um encantamento propriamente dito. Havia cerimônias análogas em cada um dos livros, e isso me encheu de esperança. Divulguei logo o achado aos meus colegas, os quais mostraram disposição para a experiência.

Após alguns dias de preparação, decidimos submeter minha idéia à prova. O ritual em si era surpreendentemente simples, estendendo-se cada um por não mais do um par de horas. A princípio, nenhum efeito se fez notar, exceto talvez um leve incremento na impressão geral de que a minha utilidade para o grupo era no mínimo questionável. Recolhi-me, naquela noite, com pensamentos sobre a transitoriedade das coisas e suspeitando que logo eu haveria de ser detestado por minha família quando Irianna conseguisse finalmente se matar com um daqueles malditos feitiços.

Fui despertado na manhã seguinte por uma forte chuva DENTRO de meu abrigo. Saí apressado, arrastando as pernas pelo líquido que me alcançava os joelhos, e vi minha pequena irmã rindo e brincando com colunas de água altas como torres de catedrais. As colunas se entrelaçavam, projetando-se pelos ares, e explodiam em saraivadas espetaculares que se recompunham em espirais descendentes antes de retornar à forma original. Eu poderia ter aplaudido, se não estivesse tão aterrorizado.

Obviamente, as cerimônias do dia anterior haviam surtido ALGUM efeito. Tive a confirmação disso quando encontramos Ardras meditando serenamente sobre um rochedo que não estivera ali no dia anterior. Fírien, então, havia substituído o conteúdo de uma lagoa próxima por uma massa borbulhante de magma – e estava nadando nela! Aquilo tudo me deixou tão perturbado que só notei que Grítias estivera ausente quando ele ressurgiu no dia seguinte, acompanhado de cinco ou seis tornados.

Retornamos eventualmente à capital do reino, onde fomos recebidos com pompa e honrarias. Eu havia conquistado minha cadeira cativa no Conselho de Arquimagos e meu nome agregou-se ao dos meus irmãos – de fato, superando-os – no rol dos grandes e célebres. Eu deveria estar radiante, mas o que era talvez um pressentimento do que viria a seguir me perturbava o sono. Irianna, Ardras e Fírien foram nomeados embaixadores do reino, sendo frequentemente enviados ao estrangeiro. Imagine o poder de persuasão exercido por alguém que pode derrubar uma montanha sobre a sua cidade ou incinerar acres de terras com o estalar dos dedos. Grítias passou a desempenhar funções diversas – espião e emissário, dentre outras – já que aparentemente conseguia viajar dez vezes mais rapidamente pelos ares do que qualquer um de nós a cavalo.

Transcorreram assim as semanas e, a despeito de todas as honrarias, nunca me sentia tão confortável como quando passava as horas completamente só em meu laboratório. A consciência me ardia e o convívio público nunca fora exatamente uma de minhas paixões. Praticamente não encontrava mais Irianna – ou qualquer um dos demais "colegas", na verdade. Provavelmente estavam todos ocupados demais coagindo líderes de cidades indefesas no estrangeiro. Isso me incomodava? ALGUMA coisa me incomodava. Que observação infeliz, bardo – é CLARO que os elfos são capazes de compaixão. E pare de me interromper.

Certa noite, recebi notícia de que minha irmã retornara de uma ausência particularmente longa. Decidi então visitá-la antes que partisse novamente em nova incumbência. Encontrei os portões de sua mansão abertos e percebi a iluminação em seu interior. Caminhei casualmente pelo jardim, que me pareceu carente de cuidados. Penetrei o interior da residência sem estranhar a ausência de outros habitantes – e já havia quase me esquecido daquele pressentimento ruim, quando ouvi o som abafado de Irianna aos prantos e soluços em seu quarto. Forcei imediatamente a porta, e vi minha irmã pelas costas, encolhida sobre a cama com o rosto entre as mãos. "Não olhe para mim! Saia! Saia agora!", berrou com a voz carregada de ira, e o ar se tornou subitamente gélido.

Eu nunca ouvira Irianna gritar até então. Ela cobria o rosto, mas notei através dos dedos a cor de sangue e, quando fiz menção de me aproximar, escutei-a murmurar um encantamento. Tive tempo apenas de me atirar para fora do quarto, antes que a porta batesse violentamente, coberta de uma camada branca e esfumaçante de gelo. Em pânico, corri aturdido até a rua. Sem saber como proceder e oprimido por uma sensação ominosa de desastre, apressei-me para ter com Ardras.

Não o encontrei em sua residência, mas fui atendido pela esposa, Celesta. Esta, com os olhos úmidos, revelou-me que há muito Ardras não retornava ao lar – passava todo o tempo livre em seu laboratório subterrâneo, indiferente a ela, aos filhos, aos amigos. E isso era culpa MINHA – ela acrescentou – antes de dar com a porta na minha cara. Restou-me apenas retornar, mais perplexo do que nunca, aos meus aposentos.

Na manhã seguinte voltei a buscar Ardras, disposto a desvendar a todo custo a natureza dos acontecimentos recentes. Não o encontrei em seu laboratório. Ao invés disso, esbarrei em Fírien, que remexia nervosamente uma prateleira de ingredientes mágicos. Quando ele se voltou para mim, quase perdi os sentidos com o que vi. Faltava-lhe o lábio inferior e os dentes arreganhados pareciam congelados num sorriso perpétuo. “-ocê!”, exclamou ele, chiando furiosamente devido à boca arruinada, “Idiota! -ocê -ez isso conosco! Des-aça! DES-AÇA!”. Senti o calor da porta de metal fundindo-se às minhas costas e, percebendo que minha vida dependia do que iria sair da minha boca nos segundos seguintes, procurei ganhar tempo. Expliquei que havia muitos outros livros onde conseguira aqueles e que em algum deles certamente haveria uma cura – o que não era necessariamente uma mentira. Fírien tomou-me pelo braço num aperto calcinante e exclamou secamente, “-amos!”. Foi nesse momento que notei Grítias sentado num canto do aposento, de cenho franzido e completamente alheio à cena.

Igualmente tomado pelo braço, Grítias foi arrastado para fora junto comigo. Uma vez que estávamos sob céu aberto, Fírien voltou-se para o companheiro, “Grítias. Grítias! Nós -amos -iajar agora, nós três entendeu? Olhe -ara -im!”. O olhar vazio de Grítias encontrou o de Fírien e o mago retrucou, vacilante, “Sim, c-claro...”. Houve então um sopro, um rumor distante e, antes que pudesse me dar conta do que estava acontecendo, íamos lançados os três pelos ares. Eu não tinha a menor idéia de como voltaríamos à formação rochosa que era agora o túmulo da minha velha campanha, mas meus temores com relação a isso foram efêmeros. Em questão de um par de horas, Grítias de alguma maneira me devolveu àquela cena desoladora, numa situação nada melhor do que a que motivara minha fuga meses atrás. Os restos do acampamento ainda estavam ali, mas nenhum corpo. O olhar furibundo de Fírien denotava que ele, também, não estava em seu perfeito juízo. No instante em que pronunciei a fórmula para abrir a passagem do rochedo, Fírien projetou-se impetuosamente para dentro do labirinto, rosnando furiosamente e vociferando coisas incompreensíveis. Um calafrio carregado de lembranças percorreu a minha espinha, e tive certeza de que jamais tornaria a vê-lo.

Cambaleei então até Grítias e pousei-lhe a mão sobre o ombro, “Grítias, você deve estar com saudades de casa. Vamos voltar, sim?”. A cabeça do mago balançou e um sorriso demente brotou em seu rosto. “Sim, c-claro. Como quiser, Ardras”, foi a resposta. Que ironia! – Grítias, a mente mais brilhante de nossos dias, reduzido a uma criatura idiota e balbuciante. Sua expressão era ao mesmo tempo triste e confusa, como a de um filhote que foi carregado para muito, muito longe do ninho e abandonado para morrer de fome. Todo o incalculável poder que repousava sob o seu comando... inútil.

Enquanto o animal descerebrado em que Grítias havia se transformado nos conduzia de volta, as palavras de Fírien ainda ecoavam em meus ouvidos – “fez isso conosco”. Subitamente, dei-me conta do que havia transcorrido e sofri intimamente com o impacto dessa revelação!... Assim que tocamos o chão, abandonei Grítias ao vazio de seus devaneios e exilei-me imediatamente do reino onde cresci.

Em minha fuga pela região montanhosa que circunda o reino, deparei-me ainda com Ardras (ou teria sido ele quem me encontrou?), pousado serenamente sobre uma rocha. Ele não se interessou em saber o que eu fazia ali, nem tampouco inquiriu sobre o conteúdo do embrulho de couro que eu trazia nos braços. Suas feições pareciam petrificadas numa máscara de plácida indiferença. Disse-me apenas, "Olá, jovem Dírtan", sem qualquer sentimento, e tornou a fechar os olhos, acrescentando, "Irianna te procura". Deixei-o ali, fundindo-se à rocha, ao mundo, seja lá o que ele estivesse fazendo, e viajei longe para o norte, sem intenção de jamais retornar.

"O que nos traz aqui", arrematou Dírtan, sorvendo a última gota de vinho da última garrafa. Naquele instante, pareceu-me imensuravelmente cansado.

"Mas o quê sucedeu, afinal? Que tipo de maldição ou infortúnio se abateu sobre os teus companheiros? Não estavam protegidos pelos tais espíritos?", indaguei, sentindo que a história não havia ainda chegado ao seu fim.

"Prestaste atenção em alguma palavra do que eu disse?", retrucou indignado o elfo enquanto estapeava a própria testa corada, "O ritual desencadeara alguma forma de hibridismo... progressivo e gradual – era isso que os tornava invulneráveis aos respectivos elementos quando os imensos volumes de cada essência eram conjurados. Efeitos colaterais imprevistos, associados à natureza de cada elemento: Fírien tornou-se um lunático furioso, consumindo a si mesmo num turbilhão incontrolável de fúria; Gíritias perdeu a substância das idéias, sua mente foi-se pouco a pouco sendo diluída como uma nuvem ao vento até que nada dela restasse; Ardras teve as emoções extirpadas, abandonando tudo e todos que tivessem qualquer coisa a ver com suas paixões; e Irianna..."

"Ela e Fírien..."

"Sim, eu acredito que eram amantes", suspirou Dírtan, afundando na cadeira, "Fogo e água, eternamente incompatíveis. Que ironia..."

O Amaldiçoado Servo de Cruine

Por Nelson Rodrigues Rosa

A lua nunca esteve tão linda, pensou Listam, enquanto observava do alto da amurada do fortim o grande globo branco que pendia imponente no céu negro, salpicado por pontos brilhantes. Todas as noites ele passava horas admirando seus contornos perfeitos, suas mais variadas formas e a influência que exercia para com a natureza de uma forma geral. E hoje, mais do que nunca, a lua estava linda brilhando acima do horizonte, de onde banhava o mundo com seu manto branco-azulado, dando um aspecto sereno a uma terra selvagem, e fazendo as placas de ferro de sua antiga armadura jogadas no chão, reluzirem.

Um vento gélido soprou das montanhas, tocando sua pele nua e fazendo balançar seus longos cabelos negros, mas ele não sentia frio algum. Como não sentia sede, nem dor, nem medo, apenas uma tristeza avassaladora, que já não sabia se era mesmo tristeza ou ódio, pois sua mente abalada resolvera pregar-lhe peças, fazendo com que perdesse os sentidos e trocando a ordem de seus sentimentos. Já não reconhecia seu lugar no mundo e sobrara-lhe apenas a morte como amiga íntima; quase irmã; quase amante. Depois de tantos anos de dedicação, fora obrigado a viver à margem da vida e à sombra do tempo.

A armadura jogada no chão portava o sagrado símbolo de Cruine, o grande deus da morte, responsável pela tênue linha que separa nossas duas existências, que estão sempre tão ligadas e ao mesmo tempo, tão distantes. Seus seguidores são conhecidos por possuírem um ódio insano de tudo que tenta ludibriar aquilo cujo mundo seu deus governa. São os grandes e verdadeiros caçadores de fantasmas, zumbis e mortos-vivos em geral; de tudo o que fere a ordem natural das coisas; de tudo que devia ter partido, mas, por todos os sacrilégios, teima em permanecer entre nós. Listam já portou esta armadura e empunhou esta espada. Durante muito tempo foi um desses fervorosos seguidores de Cruine – talvez o mais fervoroso de todos – até a tragédia abater sobre sua vida. Até o mundo não lhe parecer outra coisa se não um lugar estranho. Até todas suas crenças e ensinamentos não fazerem mais sentido algum e ele achar que foi abandonado por seu amado e adorado deus. Até o dia em que, no cumprimento de seu dever, Listam caiu em desgraça e foi transformado em um vampiro.

Foi há muito tempo. Numa época em que pouco se sabia da verdade. Quando as mentiras e os mentirosos governavam, e um homem, apenas um homem, personificava toda a esperança. Foram tempos difíceis; quando criaturas infernais caminhavam entre homens de pouca fé. Quando cidades inteiras caíam subjugadas por demônios e os odiados de Cruine se levantavam as centenas dos campos de batalhas, para se juntarem às já numerosas forças inimigas. Parece que foi ontem, pensou Listam. As vozes de seus amigos ainda ecoando em sua mente perturbada; ecos de tempos remotos, de eras passadas, trazidos de volta agarrados a turbilhões de emoções. Não entre aí! Gritava um de seus amigos. Não entre aí! Ninguém conseguira ver ao certo que tipo de mostro havia buscado refúgio no templo antigo, mas certamente era uma criatura maligna e Listam era corajoso demais para recuar, e odiava demais as criaturas malignas para não persegui-la.

E assim, ele a perseguiu.

A escada terminava em um corredor escuro, com paredes úmidas e cobertas de limo, e escombros podiam ser percebidos espalhados por toda a parte. A podridão tornara o ar pesado, fazendo seus pulmões arderem como se estivessem em brasa. Não havia qualquer sinal de luz, o que o obrigou a acender uma tocha, apenas para descobrir que nas paredes não havia limo, mas sim, sangue, ainda quente, escorrendo lentamente pelas grossas frestas das paredes de alvenaria. Da mesma forma como no chão não havia escombros, mas corpos, muitos, dos mais variados. Os poucos rostos ainda inteiros possuíam expressões assustadas, demonstrando o tipo de horror que presenciaram nos últimos instantes de vida. Um horror que Listam estava prestes a compartilhar.

O que outrora fora um templo sagrado agora não passava de um lugar profano, transformado em covil por uma criatura infernal. Mas ela pagaria esta afronta. Pagaria com a própria existência.

Os outros haviam ficado para trás e Listam não os culpava. O que estava fazendo era loucura, mas confiava cegamente na proteção e na força de Cruine, e se atiraria de um penhasco se isso fosse agradar seu deus. Mas o que O agradava era a destruição de mortos-vivos e não de seus próprios seguidores, por isso Listam estava tão confiante. Não tinha o que temer tendo o deus responsável pela vida e pela morte ao seu lado. Assim sendo, só precisava avançar pelo corredor escuro e fazer valer sua crença e sua vontade.

Depois de alguns passos notou algo se mexendo um pouco mais à frente. Havia chegado a hora. Em questão de segundos a criatura que ali se escondia conheceria seu algoz.

Foi tudo muito rápido.

A estocada fora perfeita: firme e reta... mas errara o alvo. A criatura de alguma forma se movia com uma velocidade estonteante, como os ventos que cortam os paredões de pedra da cordilheira de Keiss. Listam tentou se recuperar da surpresa causada pela rapidez do inimigo. Puxou a espada para si e a girou sobre a cabeça num movimento longo, buscando atingir o vulto que percebera às suas costas. Mais um erro. A espada chocou-se contra o chão de pedra com tamanha força que fez todo o corpo do sacerdote estremecer, deixando seu braço dolorido.

Listam parou arfante em posição de defesa. Sentiu sua boca seca e seus músculos rijos de tensão. O maldito era mais forte do que imaginava. Não era, portanto, um dos mortos-vivos com os quais estava acostumado a lutar. Esse era diferente: rápido, forte e perigoso. Sentiu o suor escorrer por seu rosto e arder em determinado ponto. Aproximou-se da tocha e usou o reflexo de sua espada para inspecionar sua face, e o que viu o deixou apavorado. Três grandes cortes, como garras de um animal, atravessavam todo seu rosto, um errara por pouco seu olho esquerdo. O mostro o havia ferido e ele nem percebera. Não conseguiria derrotar essa criatura pela forma convencional, só lhe restava o poder divino, o milagre que há muito descobrira poder evocar. Mas Listam hesitou ao olhar os cortes uma segunda vez e pagou caro por essa hesitação. Não havia escapatória. Quando iniciou sua oração era tarde demais.

A criatura agarrou-lhe num abraço apertado. Listam debateu-se como um peixe arpoado, mas por mais que tentasse, não conseguia se libertar, o monstro possuía uma força descomunal. Sentiu algo tocar com suavidade seu pescoço tenso. Em poucos segundos seu corpo ficou dormente, seu estômago embrulhado e sua visão turva. Não demorou muito para que toda sua força se esvaísse e ele pôde ouvir apenas o barulho do choque entre metal e pedra quando sua espada caiu no chão,

antes que sua consciência o abandonasse por completo. Estava terminado. O caçador fora caçado.

Agora Listam entendia perfeitamente o que acontecera naquela noite e sabia exatamente que tipo de criatura enfrentara, principalmente porque se tornara uma delas. Ele só não compreendia porque logo com ele. Porque seu amado deus, Cruine, deixara acontecer uma tragédia dessas com seu mais fiel seguidor. Perguntas para as quais provavelmente não haveria respostas.

As nuvens encobriram a grande lua que tanto o encantava e do alto da amurada do fortim abandonado, que ficava encravado nas montanhas, Listam observava as dezenas de pontos brilhantes que subiam lentamente a trilha da colina em direção aos portões externos. Os aldeões finalmente o descobriram. Mais cedo ou mais tarde isso teria de acontecer. Por mais ignorantes que fossem, os aldeões terminariam por associar as mortes de seus animais de pasto ao seu novo vizinho, e viriam lhe fazer uma pequena visita, armados de paus, pedras e foices para obrigá-lo a deixá-los em paz.

Agora, restava-lhe aceitar o destino que aquelas pessoas haviam traçado para ele, ou resistir e tornar todas as mulheres que certamente ficaram na aldeia viúvas, e seus filhos, órfãos. E como na vez anterior, quando se refugiou próximo a uma vila, Listam escolheria a segunda opção, pois por mais que abominasse sua existência e odiasse no que havia se transformado, seu instinto não deixaria que se entregasse à destruição. Ele lutaria e seguiria nesta semivida até que Cruine, o deus para quem dedicou todos os seus dias, lhe dedicasse também alguma atenção e lhe concedesse alguma piedade.

Lá do alto, Listam ouviu os gritos difusos e as batidas no portão. Girou nos calcanhares se pôs a descer lentamente a longa escada de pedra. Estava na hora. Ele não queria que fosse assim. Lutava, tentava resistir de todas as formas, mas algo dentro de si tornava seu esforço inútil. Uma espécie de instinto maligno mais forte que sua fé; que seus princípios. Sua humanidade se extinguia aos poucos, Listam tinha certeza, e por isso apertou o passo. Afinal, seus vizinhos haviam chegado e não era de bom tom deixá-los esperando.

Canção dos sapos

Por Renato de Holanda Cavalcanti

Durante os meus dezessete anos, a minha vida nunca foi fácil. Desde que cheguei à cidade de Tanus, no reino de Portis, sempre tive o sonho de ser uma grande maga. Minha mãe sempre dizia que as cidades são um antro de perdição e ela procurava mostrar as vantagens de ser uma fazendeira. Coisa que sempre repudiei, pois não queria ser uma catadora de milho e parideira de filhos como as minhas irmãs.

Queria ter um destino diferente.

E os Deuses atenderam as minhas preces.

Com toda a coragem do mundo, resolvi tentar a sorte na cidade dita acima e aprender tudo sobre os Arcanos Secretos, que os meus primos contavam para gente quando criança. Eles diziam coisas fantásticas sobre heróis e heroínas que vagavam sobre os reinos atrás de aventuras ou de justiça. Homens e mulheres que faziam os seus próprios destinos.

Eu queria ser como eles.

Quando cheguei na cidade de Tanus, tive a excelente idéia de me empregar numa daquelas famosas tavernas onde se reuniam os heróis que sempre ouvira dos meus primos.

Nunca tive uma mudança tão rápida de opinião.

Ao contrário do que imaginava, os guerreiros, em sua maioria, eram mercenários, não heróis, e me viam não como uma fã, mas sim como alguém para noites de luxúria. Sempre que servia suas bebidas, algum engraçadinho nojento alisava as minhas pernas ou o meu traseiro. Procurei tentar fazer amizade com alguma daquelas mulheres mercenárias que apareciam. Porém, apesar de serem polidas, elas me viam como uma rival em potencial e procuravam me desmotivar. Teve uma que disse que eu teria mais sucesso como meretriz do que sendo aventureira. Afinal, dizia ela, que eu era bonita de corpo, quadris largos, boa para amar e não para lutar.

Eu a odiei por isto.

Até que um dia, um arcano de idade muito avançada apareceu e se propôs a me ensinar magia. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Pela primeira vez, a sorte sorriu para mim.

Ledo engano.

Quase um ano se passou. Uma noite ele veio me falar que eu não estava me esforçando o bastante e disse que era necessário que eu me "entregasse de corpo e alma" a seus ensinamentos. Ele então disse que era necessário "dar" mais de mim. Mas eu dei para ele. Dei uma bofetada naquele velho safado e voltei para a taverna. O pior é que em um ano aprendi apenas uma magia inútil.

O local do meu trabalho não era diferente da fazenda, fazia um pouco de tudo. Preparava a comida, vigiava o local aonde se fazia àquela bebida, limpava o salão e as latrinas, alimentava as vacas com os restos dos legumes que vinham das fazendas próximas. Apesar do trabalho duro, eu tinha um privilégio, um quarto só para mim.

Muito estranho, pois o dono da taverna dormia com a esposa, o filho e um outro infeliz, que como eu, buscava em seus sonhos ser um guerreiro, porém tinha somente dez anos. Acho, opinião minha, que o dono da taverna estava me "reservando" para seu filho. Sei não. Pois acho que o filho do taberneiro não demonstra interesse por mim e sim pelos guerreiros que por ali passam...

A minha vida começou a mudar com o surgimento de um sapo. Sim! Um sapo! E pior, um sapo falante. Eu estava levando a comida para as vacas quando o sapo me chamou. "Ei moça! Moça!" Disse ele. Lógico que fiquei surpresa, mas com o tempo fui aceitando a idéia de confabular com o sapo. O anfíbio disse que foi vítima de um ataque de uma mulher rancorosa e vingativa e acabou sendo transformado em sapo e só um beijo de uma linda moça poderia reverter a situação, e ele estava disposto a me dar uma boa recompensa.

Apesar de todo asco que nutria por tal idéia, não era nada mal fazer uma boa ação ao infeliz. Ainda mais tendo uma gorda recompensa. Então fui acompanhar o nojento ser até um pântano nos limites da cidade, pois, segundo ele, somente lá poderia quebrar o feitiço. E eu fui...

Chegando lá, fiz a minha parte, com todo nojo do mundo, toquei os meus lábios aos do sapo. Subitamente, as minhas pernas começaram a tremer e não conseguia ficar em pé. O meu corpo ficou todo dormente e caí no chão. Só aí, escutei a voz do sapo: "Você não sabia que alguns sapos são venenosos? Afinal, quem disse que só porque um sapo é falante, que o quê ele diz é a verdade?". Então entendi que tinha caído no conto do sapo encantado.

Estava encrencada. Comecei a fazer as minhas preces.

Em segundos, vi-me cercada por inúmeros sapos de variados tamanhos e todos em cima e em torno de mim. O anfíbio, que me atraiu para lá, disse que eles eram de uma espécie de sapos-demônios, raríssimos por sinal, e eu era a grande ceia do final-de-semana. "Sinta-se honrada", disse ele. Engraçadinho...

Súbito, lembrei-me de uma coisa. Que ironia do destino. O único feitiço que aquele velho safado me ensinou foi uma estúpida magia que forçava a pessoa dormir. Até hoje desconfio se o velho não se aproveitava de mim com este encantamento. Quando terminei de recitar, todos os sapos estavam dormindo. Pensei que a paralisia do veneno atingisse a fala, mas acho que os sapos gostavam de ouvir a vítima gritar.

Depois de alguns minutos, voltei a me mover. Tive o prazer de usar um grande galho de árvore para dar fim às horrendas criaturas que dormiam. Enterrei todos no fundo da parte seca do pântano e levei um exemplar, morto claro, para vender para alguém que estivesse interessado. Qual não foi a minha surpresa que os sapos-demônios valem quarenta peças de ouro cada. Descobri que certos rituais precisam de sangue desses sapos por terem na sua dieta a preferência pelo sangue de moças virgens. Estou lisonjeada.

Não é preciso dizer que enriqueci-me. Comprei uma loja e vendo todo tipo de equipamentos, artefatos e bugigangas para aventureiros.

Bem... Eu não me tornei uma maga, mas conquistei aquilo que sempre sonhei.

Ser senhora do meu próprio destino.

Quando visitar a cidade de Tanus e precisar de equipamentos de qualidade, procure o empório da Jesse Sapinho. Sim! Este é o meu nome agora. Os sapos são a minha marca. Afinal de contas, sou a princesa que os sapos sempre procuram, não é verdade?

O Príncipe do Gelo

Por Alexandre Romero Inforzato

O grupo percorreu o leito seco do riacho montanha acima, adentrando a zona nevada e prosseguindo com dificuldade através da tempestade branca. Usando o canal vazio como proteção contra os fortes ventos, percorreram silenciosamente alguns quilômetros pelos aclives sinuosos e encostas pedregosas até chegarem ao auge de um dos flancos rochosos da montanha, onde se havia erguido uma espécie de dique de madeira e rocha com o claro objetivo de represar as águas que teriam em outros tempos por ali escoado. Escalando a barragem, foi possível finalmente vislumbrar o que havia do outro lado: Um imenso lago gelado de vários quilômetros de extensão, cercado de protuberâncias basálticas e em cujo centro destacava-se uma formação de aspecto muito singular, semelhante a uma estalagmite álgida fincada solidamente sobre a superfície rígida do leito lacustre. Apesar do mau tempo e da distância que o separava de seus observadores, o espantoso edifício parecia pulsar com vida própria enquanto o vórtice da nevasca se elevava turbilhonante bem acima, com fúria alarmante e da forma menos natural possível.

"Há aberturas, janelas?", especulou Thalad, finalmente quebrando o silêncio e apontando para o titânico obelisco de gelo. "Wallace... O que você acha?"

O cavaleiro limitou-se a erguer as sobrancelhas num misto de dúvida e desânimo. Foi Ludwig quem verbalizou o pensamento geral: "Que tipo de maldita besta ancestral se aloja esse ninho bizarro?!".

"Um dragão do gelo, quem sabe...", arriscou Hudson.

"Ah! Chega de dragões!", exclamou Hasfor, apertando o capuz contra as orelhas.

Caíram os cinco em novo silêncio enquanto tentavam decidir qual seria o próximo passo. Marchar através da superfície enrijecida do lago rumo ao monstruoso monumento de gelo era uma das opções, e certamente não a mais agradável, pois a idéia de um encontro com o suposto habitante daquele edifício suscitava possibilidades desastrosas no pensamento de cada um. Ao mesmo tempo, o frio castigava impiedosamente os corpos dos aventureiros, que logo perceberam que suas chances de sobrevivência minguariam rapidamente quanto mais eles permanecessem estáticos em meio à tempestade.

"Se algo – ou alguém – habita nestes ermos gelados, terá sido o responsável por esta barragem?", esforçava-se Thalad por compreender o enigma subjacente aos elementos daquele lugar estranho, "Com que propósito?!".

"Tenho algumas teorias", respondeu Wallace, que havia se conservado mudo e absorto desde o início da escalada, "O Rei dos pequeninos, de alguma forma, nos projetou para dentro da alma da donzela adormecida. Tudo aqui é uma metáfora que reflete a sua real condição! Lembrem da árvore seca, dos peixes agonizantes... e agora este lago gelado. Não consigo decifrar com exatidão o significado da charada, mas é possível que aqui esteja a fonte de todo o problema", concluiu, lançando um gesto amplo em direção ao lago.

"Rezo para que seja um delírio causado pelo frio", emendou Ludwig, insatisfeito com a explicação um tanto quanto fantástica fornecida por Wallace, "Mas se estás correto, devo entender que fomos deliberadamente injetados nesta dimensão bizarra para reverter algum mal que há sabe-se lá quantas eras aflige a elfa dorminhoca? Que falta de sorte, parece que perdi meu Guia Prático do Exorcista™ durante a escalada! E se tentássemos algo diferente? Algo como DAR O FORA DAQUI, por exemplo?!".

"Exorcismo? É uma idéia interessante...", ponderou Hasfor, "Uma possessão demoníaca geralmente implica no compartilhamento do corpo por mais de uma alma, mas assim é a possessão do corpo. O que estamos vivendo aqui, se nosso bom amigo Wallace estiver correto, é a invasão da alma, algum tipo de possessão espiritual. O assunto é muito mais delicado e – até onde os meus conhecimentos alcançam – sem precedentes".

Todos ouviam com apreensão às deliberações do mago, que fechou os olhos e suspirou profundamente antes de prosseguir: "Em um caso de possessão corporal prolongada, é possível que a alma da vítima seja completamente sobrepujada e a entidade ímpia ocupe plena e definitivamente o invólucro físico. Se isso ocorre, resta apenas como saída a execução sumária do paciente, mesmo porque já não é mais ele quem está ali. Fazendo a analogia para o caso da possessão espiritual...".

"Oh, vamos!", interrompeu Ludwig, "A alma da mulher se perde e seus filhos nascerão com chifres! Quem se importa?! Nossa prioridade deveria ser obter uma saída rápida daqui...", e lançou um olhar desesperado aos arredores, "...para que eu possa esganar o monarca nanico que nos meteu nesta arapuca!".

A fisionomia de Hasfor pareceu cobrir-se de espanto súbito. "Mas pode ser que a alma da mulher não se perca neste caso, Ludwig!", exclamou, em tom de alerta, "Numa possessão convencional, a alma da vítima pode deixar o corpo, extinguindo-se ou indo para outro lugar. Neste caso, a vítima perde o domínio da própria alma, se o prazo expirar! Sua alma não deixa o corpo e não desaparece, mas está sob o controle de alguma outra coisa. Se essa outra coisa for um demônio, os exorcismos comuns não surtirão efeito, porque ainda é apenas uma – a alma da elfa – a que habitará em seu corpo. E o que é pior: Pode ser que a possessão seja imperceptível para os que observam de fora, porque nenhum tipo de ritual ou magia será capaz de detectar a presença demoníaca da criatura enfurnada no corpo e, de fato, na alma da moça!".

"Não entendi patavina", declarou Ludwig, estóico, "O que significa que isso não é importante. Alguém quer dar ouvidos a mim?".

"A alma do demônio vai... se fundir com a da elfa?", indagou Wallace.

"Bom, sim", retrucou Hasfor, meneando a cabeça de um lado para o outro, "É um jeito de descrever a coisa, sem dúvida".

"E quanto a nós?", preocupou-se Hudson, "o que aconteceria conosco?".

"Não, não nos diga!", principiou novamente Ludwig com cinismo, "Ficamos presos aqui dentro e viramos vizinhos da monstruosidade que desencadeou o processo! Podemos combinar um jogo de cartas toda quarta-feira".

"E nossos corpos físicos morreriam", continuou Hasfor, "porque nenhum corpo pode viver sem uma alma, certo? Não um corpo mortal, pelo menos. Presos por toda eternidade ou até servirmos de tira-gosto para alguma aberração ancestral dos abismos!...Temo que seja essa uma ameaça bastante possível", suspirou o mago, alheio ao sarcasmo do companheiro.

O vento pareceu soprar com frio e vigor redobrados à conclusão do mago, enquanto o clarão ominoso de ocasionais relâmpagos sobre o lago antecipava-se ao retumbar de trovoadas ensurdecedoras. O momento era de decisão, mas o frio e o desânimo pareceram de repente cobriro grupo com um manto de inércia, como se houvesse algo naquele lugar que os drenasse de suas vontades.

Felizmente, Wallace reagiu: "Não é o momento de teorizar! O pequenino Rei-mago não nos enviaria para este lugar sem um bom motivo. E de qualquer forma, com ou sem profecia, não faz parte dos meus planos tornar-me um adorno inerte neste pico nevado e muito menos servir de refeição ao agente do malefício que aflige a donzela élfica!".

"Nobre dizer, Sir Wallace", aplaudiu Ludwig, "Muito eloqüente. Muitos adjetivos. Curvo-me à vossa pargmaticidade... pragmatção... pragma... uhm, você sabe."

"O que sugeres que façamos?", indagou Thalad, ansioso para agir.

"Vamos começar assim!", respondeu Wallace, estendendo as mãos em uma seqüência de gestos rituais, "Afastem-se do dique!"

O cavaleiro-mago sentiu o karma fluir pelos seus braços, reticente, sem forma, difícil de manipular. Quando todos estavam a uma distância segura, recitou o encantamento, e uma pequena esfera de chama azul bruxuleou entre as palmas de suas mãos. "Protejam-se!", e com o grito lançou o globo flamejante contra o centro da pequena represa. As dimensões do globo acentuaram-se, e seu brilho se tornou intenso e avermelhado antes do choque explosivo contra o amontoado de pedras e madeira que – com imenso estampido – foi arrebatado de sua base e se converteu numa chuvarada de pedregulhos e pequenos destroços.

"Boa idéia, Wallace. Isso deve acordar a moça", comentou Ludwig, usando seu escudo como abrigo contra os estilhaços ainda em queda. A mão livre protegia um dos ouvidos.

Wallace, contrariado, suspirou. "O lago está completamente enrijecido...".

Os ecos da explosão reverberaram longamente, parecendo percorrer enormes distâncias, retornando e reverberando novamente. Todos estacaram apreensivos frente ao efeito e permaneceram silenciosos até que o último resquício do estrondo se dissolvesse na distância, mais que um minuto após a explosão inicial.

"Isso é bastante estranho. Nem mesmo os trovões ecoam dessa forma", murmurou Thalad enquanto aguçava os ouvidos, mas imobilizou-se de súbito, "Esperem! Ainda ouço algo. Uma batida surda e ritmada, sintam o chão! Ele vibra!".

De fato, o chão estremecia rítmica e quase que imperceptivelmente. A intensidade das batidas acentuava-se progressivamente até que Hasfor não pode conter uma exclamação horrorizada, "Atenção ao lago, algo se aproxima!". Ao que todos visaram a superfície gelada do lago, puderam constatar que uma forma grotesca e azulada corria através da tempestade, estando já a meio caminho da borda. Seu contorno era indistinto, mas sem dúvida aberrante e gigantesco. Teria talvez seis ou sete metros de altura, e então de suas costas asas membranosas se estenderam e agitaram. O demônio alçava vôo em meio à tempestade, de cujo vórtice uma fosforescência azulada sobre ele se derramava.

"Donzela errada, Wallace!", gracejou Ludwig amargamente, para então acrescentar em alarme, "Procurem abrigo, escondam-se!".

Cada um procurou ocultar-se à sua maneira. Thalad e Wallace mergulharam na neve junto a rochas que a explosão do dique havia deslocado. Hasfor utilizou um encanto de invisibilidade, e Ludwig ocultou-se em uma reentrância pouco abaixo de uma crista pedregosa. Quanto a Hudson...

"Invisível, invisível, vou tornar-me invisível! Concentração... Não me falhes agora, fiel companheiro...", sussurrava Hudson enquanto dedilhava as cordas de seu alaúde mágico. Runas fulguraram nos círculos dourados que ornavam a boca do instrumento e a magia foi ativada. "Ha! Estou invisível? Não podes me ver, criatura bestial!", sussurrou para si mesmo, encolheu-se e fechando os olhos.

Ludwig observou de seu esconderijo e saltou como uma mola, exclamando, "Hudson, bardo estúpido! Que pensas estar fazendo?!". A imagem de Hudson havia sido afetada pela magia, isso era claro, mas não exatamente do modo como ele havia previsto: Luzes multicoloridas brotavam do alaúde e dançavam de maneira selvagem em torno do bardo. Simultaneamente, uma gargalhada pungente se fez ouvir através dos ares.

"Heróis! Heróis! O desespero!", arrotava o monstro enquanto se aproximava ameaçador, "Um banquete de almas para Ruwac'Ra!", e num instante sua sombra titânica se projetava sobre o terreno em que se abrigavam os aventureiros. O corpo era humanóide, porém deformado, com membros terminados em longas garras cristalinas e ameaçadoras. A pele era toda recoberta de escamas branco-azuladas que refletiam como prismas ao clarão dos relâmpagos, assemelhando-se a placas de cristal polido. As asas membranosas eram de uma brancura ofuscante e púrpuras nas extremidades. A face da anomalia era sem dúvida o que havia de mais repugnante: Cornos retorcidos brotavam irregularmente das têmporas, enquanto das amplas narinas irrompiam vapores gélidos e das opacas esferas oculares emanavam forças que pareciam fazer vibrar e torcer o espaço à sua volta.

Hudson já disparava ladeira abaixo, mas por sorte a ilusão provocada pelo alaúde permanecera imóvel, confundindo por um precioso instante o demônio que, com um gesto brusco das garras, partiu as imagens coloridas em fragmentos vaporosos que se dissolveram no ar.

"Não há escolha! Às armas!", berrou Wallace, sacando a espada com uma mão e estendendo a outra para o céu num gesto arcano. O grito ecoou pelos ares e a esfera flamejante partiu mais uma vez da palma do guerreiro, encontrando certa vez o peito da criatura que flutuava vários metros adiante. A atitude foi imitada pelo mago Hasfor: Recitada a fórmula, um globo incandescente partiu de suas mãos, chocando-se contra a criatura alada um instante após o impacto da primeira esfera.

O demônio fora surpreendido num momento em que sua arrogância causou a abertura completa da guarda contra os ataques inimigos. Agora, grande medida de sua presunção convertia-se em fúria. Com um guincho polifônico seguido de imprecações em idioma desconhecido, arremeteu contra o grupo, causando um terrível vendaval e forçando todos a buscarem algum tipo de apoio. O poder da ventania, entretanto, sobrepujou a força das vítimas, que foram arremessadas como bonecos de palha montanha abaixo. Apenas Hudson, que se escondera atrás de uma rocha protuberante, escapara ileso e aparentemente incógnito, já que um volume considerável de neve havia sido atirado sobre si, cobrindo-o até quase a altura dos cotovelos. Algumas dezenas de metros abaixo rolavam Thalad, Ludwig, Wallace e Hasfor pela neve – tendo em seu encalço o monstro – até atingirem a altura de uma seção mais ou menos plana da encosta.

Desorientados e feridos pela queda, apenas Thalad conseguiu erguer-se em tempo de preparar um ataque contra a criatura que planava em sua direção. Empunhou o arco dourado e armou um projétil. Sem a menor hesitação, tocou a gema vermelha incrustada no arco e sentiu o calor irradiado enquanto a flecha vestia-se de chamas. Um instante depois a seta cruzava os ares, desenhando um risco avermelhado entre os flocos de neve em queda e indo explodir de encontro ao tronco da aberração gelada. Esta foi arremessada contra o solo em virtude do impacto e, quando se ergueu, tinha as escamas do peito trincadas e enegrecidas pelo fogo.

“Ah, criaturas das chamas que viestes reclamar o espírito da profetiza élfica!”, sibilou o demônio em tom odioso, “Tendes o poder para desafiar Ruwac´Ra na alma onde se adensa o crepúsculo álgido? Condenastes a vós mesmos!”, e assim dizendo lançou-se aos ares de tal forma que toda a neve daquela encosta pareceu ascender consigo. Quando Thalad e os outros puderam abrir os olhos novamente, o demônio já ia longe rumo às verdes colinas que a neve ainda não havia coberto.

“Volte! Covarde!”, cambaleava Ludwig enquanto batia a neve do corpo, “Diabo! Cadê a minha espada?”

“Não creio que esteja fugindo”, retrucou Wallace, “Deve ter alguma outra coisa em mente, estou com péssimo pressentimento. Podes alvejá-lo daqui, Thalad?”.

“Não, já está fora do alcance do meu arco”, comentou abatido, Thalad, para então lembrar-se, “Hudson! Onde está o Hudson?”.

O bardo descia a encosta aos tropeções, e ficou aliviado – sem mencionar surpreso – ao encontrar os companheiros ainda vivos e inteiros.

“Hudson, rápido!”, gritou Wallace, “Use o alaúde, impeça o demônio!”.

Sem tempo para pensar ou hesitar, o bardo tomou o instrumento nos braços e procurou concentrar-se numa melodia, “Vejamos, vejamos”, sussurrava de si para consigo, “Demônio do frio, neve, gelo... como parar uma criatura do gelo? Chamas! Mas de que forma? Uma coluna ardente, uma chuva de brasas? Ah, atarei fogo às asas do monstro!”, e principiou a dedilhar as cordas de prata, fazendo cintilar duas das runas entalhadas no corpo do alaúde. O retinir cristalino da melodia penetrou os ares e alcançou Ruwac´Ra em pleno vôo. Aos olhares estarecidos dos que acompanhavam o seu percurso, pareceu-lhes que um novo par de asas brotava instantaneamente do dorso da criatura, dilatando-se e deformando as que já existiam anteriormente. O demônio, agora incapaz de sustentar seu vôo, descrevia espirais descendentes rumo ao solo.

“Excelente, Hudson!”, foi a aclamação geral diante do grande (ainda que diferentemente premeditado) sucesso da magia realizada. O bardo sorria constrangido, ou então sob a dor de realizar um encanto que estava além das suas capacidades: O alaúde, exaurido de sua reserva natural de karma, havia-se voltado contra o próprio músico em busca de energia para a realização da magia erraticamente ativada. Sem encontrar uma quantidade suficiente de karma no corpo de seu manipulador, o instrumento – buscando concluir a todo custo a ordem recebida – havia drenado boa parte da própria energia vital do bardo, de cujas mãos agora escorria o sangue em pequenos cortes, enquanto uma sensação de profundo esgotamento e dor percorria seu corpo.

Não obstante, a criatura alada havia sido abatida, e todos presenciaram – alheios à condição de Hudson – seu fantástico impacto contra o gramado da verde planície. Por alguns instantes, o silêncio voltou a reinar.

Confirmando o temor geral, a criatura ergueu-se e pôs-se a caminhar lentamente, ao que Wallace sentiu o desespero novamente aflorar e gritou, afoito, "A escama! Rápido, dêem-me a escama daquele dragão azul!".

"Está em posse do bardo", respondeu Hasfor, incerto das intenções de Wallace "Precisamos alcançar e derrotar o demônio, não podemos permitir que ele alcance o lugar onde fomos inseridos na alma da elfa!", exclamou o guerreiro, voltando-se então para Hudson, o qual jazia inerte na neve, "Hudson, rápido, a escama!".

O bardo, sem forças para objetar ou imaginar que uso Wallace poderia pretender para aquele fragmento valiosíssimo de uma couraça de dragão, entregou a escama ao companheiro. Wallace tomou a magnífica carapaça azul-fosforescente e atirou-a ao chão, fazendo-a faiscar com cintilações purpúreas. Em seguida, saltou sobre ela e descambou ladeira abaixo, deslizando e chispando como um fogo de artifício.

"É seguro, isso?", indagou Ludwig, erguendo uma sobrancelha com ares de indignação.

"O termo 'seguro' deve ser submetido a uma cuidadosa análise de referencial, dada a nossa presente situação", comentou Hasfor, ainda não completamente crédulo da atitude do companheiro.

"Foi uma pergunta retórica, mago cabeçudo", comentou tranqüilamente Ludwig, atirando em seguida seu próprio escudo ao chão e imitando o gesto de Wallace. Escorregou pela encosta como se esta fosse feita de vidro polido, enquanto Hasfor se indagava se Ludwig seria sequer capaz compreender o significado de "retórica".

"Teremos que nos apressar se quisermos ajudá-los, Hasfor!", alarmou-se Thalad, "mas Hudson não parece bem. Que devemos fazer?".

"Não se preocupem, vão sem mim", respondeu o bardo, ofegante, "Alcanço vocês em um minuto ou dois. Vão!".

Hasfor e Thalad entreolharam-se, concordando que não havia melhor opção que abandonar seu amigo por enquanto e retornar para buscá-lo após a batalha. Assim resolvidos, puseram-se a seguir com muita pressa na trilha dos companheiros. Wallace foi o primeiro a chegar ao pé da montanha, aterrissando sem grandes danos em uma vegetação alta. Como não havia mais ladeiras sobre as quais deslizar, prendeu a escama às costas e pôs-se a correr no encalço da criatura, que parecia ter sido bastante ferida na queda e se marchava com clara dificuldade. Logo Ruwac´Ra percebeu que seria alcançado e voltou-se, erguendo-se em atitude ameaçadora.

Wallace sabia que não seria vantajoso travar um corpo-a-corpo com o imenso demônio, estacando a cerca de cem metros do seu adversário e fazendo uso de suas – agora minguadas – reservas de karma para lançar uma bola de fogo, e mais outra. As esferas flamejantes atingiram o alvo com precisão, fazendo saltar faíscas e labaredas com cada impacto. No entanto, a sinistra criatura emergiu firme das chamas e, em seus olhos, brilhava odiosa a confiança de quem tem como certa a destruição do oponente. Erguendo uma das garras e recitando fórmulas que soaram como a mastigação de um punhado de vidro moído, Ruwac´Ra fez projetar sobre o guerreiro uma inacreditável profusão de farpas de gelo que só não o perfuraram completamente porque Wallace foi rápido em dar as costas ao demônio, sendo assim protegido pela escama.

Nesse momento, teve uma idéia: A escama havia sido perdida por um dragão que controlava com imenso poder a eletricidade. Mesmo agora ela ainda mantinha uma boa quantidade da fosforescência original. Com esse pensamento, tomou a escama mais uma vez nas mãos e protegeu-se de uma nova chuvarada de projéteis

pontiagudos. Em seguida, estendeu o braço, fazendo mira no corpo do demônio, e aproximou a superfície do escudo de seu punho. Recitando uma fórmula bem familiar, sentiu as últimas reservas de karma deixarem o seu corpo e se concentrarem em um ponto sobre sua palma, mas com um adicional curioso: O karma permeado de intenção para a conjuração de um raio elétrico, ao se condensar junto à escama, arrancou flutuações de energia que amplificaram o efeito final da magia. O feixe elétrico partiu como um chicote, ramificando-se, ricocheteando e indo envolver seu alvo como uma serpente. Momentos depois, o aturdido monstro exalava vapores e gotejava de grandes ferimentos.

Wallace deixou cair o escudo improvisado e alcançou a empunhadura da espada, "Não posso parar agora, tenho que acabar com a criatura antes que ela possa se recuperar", mas estava exausto. Caindo de joelhos, sentiu o mundo girar.

Por alguns instantes, os dois combatentes pareceram estar à beira do colapso, quando então um grito ecoou pelos ares: Ludwig corria como o vento, empunhando o imenso montante em posição quase vertical e preparando um ataque devastador. Passou furiosamente por Wallace e arremeteu sobre o demônio com todas as suas forças. Ruwac 'Ra, ainda aturdido, procurou aparar a investida, mas teve o braço decepado pelo vigor do golpe de Ludwig. O triunfo brilhou nos olhos do agressor, que se permitiu um sorriso em antecipação à vitória. Mas o sentimento de júbilo foi efêmero, pois no momento em que a espada de Ludwig separou do tronco o braço do demônio e as artérias expostas principiavam a despejar um líquido escuro, Ludwig sentiu sobre si a outra garra da criatura, e ouviu sua voz cava declamando obscuridades ímpias. Uma névoa gélida envolveu seu corpo e, quando se dissipou, em seu lugar havia apenas uma estátua de gelo.

"Ludwig!", gritou Wallace horrorizado e ainda sufocado pelo esforço de há pouco. O demônio ria. Um fluido viscoso escorria em profusão da ferida exposta, e ainda assim Ruwac 'Ra caçoava, deliciando-se com o terror estampado no rosto do guerreiro.

"Não te desespere, alma pequenina", disse o demônio com uma voz borbulhante, "O que reservo para ti não é tão rápido nem tampouco indolor!", e agarrando a escultura fria na qual se tornara Ludwig, esmagou-a cruelmente, lançando poeira cristalina em todas as direções. No momento em que Ruwac 'Ra preparava-se para desferir o ataque final contra Wallace, tudo pareceu perdido. Mas uma seta fulgente cortou os ares e explodiu de encontro ao flanco da criatura, fazendo com que recuasse com um gemido de dor. À distância, Thalad já armava o próximo projétil em seu arco dourado.

"Utilizei todo o karma de que dispunha, Hasfor", lamentou-se o arqueiro, "Vamos precisar de um pouco da tua magia aqui".

"Com prazer", respondeu o mago, lançando aos ares três esferas flamejantes que mais uma vez envolveram a vil entidade do gelo em chamas. Nesse ponto, muitas dentre as escamas cristalinas que formavam a singular carapaça sobre o corpo do demônio já haviam sido soltas ou quebradas e, por mais que a criatura mantivesse uma postura firme, a quantidade de líquido que escorria das inúmeras fissuras em seu corpo evidenciava sua péssima condição. Aos olhos dos que ali estavam, Ruwac 'Ra poderia perfeitamente estar derretendo. Quando as chamas do ataque de Hasfor se dissiparam, seus olhos se encontraram com os de seu oponente, cujas órbitas vazias expeliam distorções vaporosas e impregnadas de tal animosidade que o mago sentiu-se petrificado pela vontade do adversário. Pedacos do que poderia ser a carne de Ruwac 'Ra desprendiam-se do seu corpo e gelavam o solo no lugar onde se depositavam. Com um urro titânico que pareceu retumbar por todo firmamento, o demônio desferiu um tremendo golpe contra o chão, com o que parecia ser a reunião de todas as suas últimas forças. Do lugar onde o punho da criatura atingira o gramado

brotou, então, uma fileira de estalagmites de gelo que se elevavam em profusão caótica, formando um muro de espinhos álgidos estendendo-se velozmente na direção de Hasfor.

Thalad não teve tempo de salvar o companheiro da fileira de protuberâncias aciculiformes que se projetaram além e através do mago, perfurando-o por todo o corpo. Hasfor ficou ali, empalado como um espantalho num trival congelado, enquanto o companheiro observava impotente e horrorizado.

“Maldito!”, sussurrou Thalad, erguendo o arco e acionando num ímpeto a gema rubra. De forma similar ao alaúde de Hudson, o arco buscou – inutilmente – por karma no corpo do elfo. Concebido de forma a desempenhar a todo custo a ordem de seu mestre, o arco drenou do próprio sangue do arqueiro para incendiar o projétil e torná-lo ainda mais letal contra Ruwac´Ra. A flecha deixou, como antes, um rastro avermelhado em seu caminho, indo em seguida alojar-se no peito do demônio e fazendo com que seu corpo acendesse como um cristal de magma. A criatura debateu-se por vários instantes antes de cair, mas sua decomposição já estava muito adiantada para que pudesse almejar qualquer salvação: Logo a única coisa que restava era um gigantesco esqueleto trêmulo e inofensivo; suas últimas palavras antes que se desmanchasse por completo foram, “Frio... Sinto... muito frio...”.

O Anel do Golem de Ferro

Por Nelson Rodrigues Rosa

A plataforma em que Josar estava era feita de madeira e junco e possuía cerca de três metros, altura suficiente para que pudesse observar toda a extensão da massa de pessoas que se aglomeravam na rua estreita, disputando a cotoveladas um lugar que lhes proporcionasse o melhor ângulo da apresentação. Era um dia atípico em Runa e todos estavam felizes. Conversavam, riam, apontavam, cantavam, apostavam... Sempre procurando a melhor forma de se distraírem enquanto aguardavam a atração principal.

Havia também muitas crianças presentes e elas tentavam igualmente se divertir. Algumas se ocupavam atirando pedras em um cachorro sarnento, que buscava desesperadamente proteção contra os projéteis se escondendo embaixo do palco. Mas as crianças davam a volta e encontravam outro espaço, de onde recomeçavam a alvejar e insultar o animal, que fugia novamente emitindo ganidos angustiantes.

Josar viu as crianças se afastarem e estremeceu quando o animal mais uma vez uivou de dor. Transferiu seu olhar para a multidão e deu um longo suspiro. Todos estavam lá para vê-lo. Ele estava acostumado a grandes apresentações, pois como um renomado alquimista, já fizera muitas para os grandes senhores de Runa. E era sempre a mesma coisa: Josar inventava uma nova solução que ajudava na colheita e os senhores da cidade ficavam embasbacados; imbuía em um item algum novo encanto e eles ficavam igualmente extasiados. Tudo que Josar criava era motivo para aclamação. Agora, como em tantas outras vezes, o jovem alquimista tinha um novo espetáculo pela frente, onde seria novamente o personagem principal. Mas desta vez não demonstraria nenhum novo óleo ou elixir, nem algum invento criativo. Estrelaria um espetáculo de dança: a dança sob o cadafalso. Sim, porque Josar fora condenado à força.

Suas pernas e braços estavam acorrentados e usava um manto preto por baixo de uma cota de malha surrada, onde parecia derreter devido ao calor. O suor fazia seu rosto brilhar, encharcando a gola de seu manto e sua calça na altura da cintura. Não estava acostumado com armaduras e o peso incomodava seus ombros, mas no fim, dera graças por estar vestido com quase vinte quilos de ferro. A armadura tinha sido posta para evitar que proferisse algum encanto, e estava sendo eficiente nisso, o que era um problema. Por outro lado, quando a portinhola sob seus pés fosse aberta, talvez desse a sorte de o peso acentuar a queda, quebrando seu pescoço e evitando que demorasse muito para morrer. Já ouvira casos de homens que ficaram quase uma hora debatendo-se sob o cadafalso, e essa idéia o apavorava.

Olhou para seu lado direito e avistou um homem alto e corpulento, tinha o peito nu e um longo capuz preto ocultava seu rosto. Mantinha-se parado, com os braços cruzados e olhando a multidão, apenas aguardando sua vez de agir. Ao seu lado esquerdo estava Borivil, o soldado da Guarda Arcana responsável por sua captura, além de ser seu melhor amigo. Estava sério e com uma expressão triste, como se o mundo estivesse prestes a acabar. Josar compreendia sua dor, mas não houvera escolha, e o alquimista estava feliz por ter sido do jeito que foi.

O homenzarrão se moveu atraindo a atenção de todos. Josar o viu se abaixar e pegar uma corda, em cuja ponta fora feito um grande laço. A multidão vibrou com o

momento. O carrasco caminhou até o centro do tablado e colocou calmamente o laço em volta do pescoço do condenado, provocando uma grande ovação. O homem estava tão perto que Josar podia ouvir sua respiração, sentir o cheiro de seu suor, e perceber que ele também estava nervoso. Seu coração disparou. Ele inclinou o pescoço para o lado e observou a multidão que assistia eufórica ao seu enforcamento. As mulheres riam enquanto os homens colocavam seus filhos nas costas para que não perdessem nenhum lance. "O povo mais civilizado" era o que diziam. "Uma ova!", pensou.

Fitou Borivil uma última vez e pode ver lágrimas escorrerem por seu rosto fino. Josar pensou então em sua vida e nos motivos que o trouxeram a essa situação, procurando algum fato que o fizesse sentir-se culpado, arrependido, mas não encontrou nenhum. E teve a certeza de que faria tudo de novo se fosse preciso. Tudo.

Há cerca de três anos não passava de mais um jovem aprendiz de feiticeiro em Runa. Seu mestre era um alquimista medíocre, que nunca conseguira um grande invento e vivia frustrado. Por consequência, não dava a mínima atenção para seu jovem aprendiz e Josar teve de aprender a se virar sozinho. Tentava extrair o máximo do pouco que o velho lhe ensinava – se é que aquilo podia ser chamado de ensino – e praticava usando como base os livros raros que seu mestre guardava nas imensas prateleiras do laboratório, dos quais não conhecia metade do conteúdo. Mas Josar conheceu e aprendeu muita coisa com esse método até que, num dos muitos e solitários dias de estudo, acertou em cheio: descobrira uma fórmula para um óleo que deixava as coisas invisíveis. Não que a invisibilidade fosse novidade, mas todos esses tipos de poções necessitavam de um ingrediente especial e difícil de conseguir: o famoso peixe pigi. Na versão da poção de invisibilidade criada por Josar, o peixe não era necessário, economizando assim muito tempo e dinheiro. O jovem mostrou sua poção para seu mestre que ficou encantado.

– Uma maravilha! – Exclamou o velho.

– Vou apresentar minha descoberta para Melvim – disse o jovem, orgulhoso.

– Mas você não pode – retrucou o velho alquimista, fazendo sua voz soar solene. – Precisa de alguém que o represente, alguém com mais experiência e conceito. E eu terei prazer em ajudá-lo. Diga-me, rapaz, como fez isso? – Perguntou o mestre, com os olhos esbugalhados quase saltando para fora do crânio, tamanha curiosidade.

Josar contou e entregou a poção para o velho que correu para apresentá-la aos mestres de Runa, dizendo ser uma criação sua. Melvim – um dos maiores místicos de Portis – ficou fascinado com a descoberta, prometendo ao velho alquimista riqueza e fama infindáveis.

Melvim então quis saber sobre a composição da poção e o velho, orgulhoso de sua esperteza, recitou passo a passo todo o que Josar havia falado. No entanto, não havia nenhuma novidade na fórmula, o que deixou Melvim desconfiado. Ele pressionou o velho, que terminou por se atrapalhar, pois na afobação não notara que Josar havia falado tudo, menos o ingrediente principal, o que substituía o peixe pigi. Depois de algumas perguntas mais ríspidas e uma cara de bravo de Melvim, o velho não agüentou e confessou que a criação não tinha sido sua, e sim, de seu aprendiz. O velho alquimista foi então banido de Runa por tentar enganar o conselho e Josar levado até Melvim, que o presenteou com um novo laboratório e requisitou que o jovem fabricasse mais da poção de invisibilidade. E Josar, obediente, fabricou.

Com o tempo, outros inventos foram surgindo do laboratório do jovem, cada um mais interessante e fascinante que o outro, e logo Josar atraiu a atenção de toda a cidade.

Passou a ser conhecido em todos os cantos, fato que lhe trouxe fama, dinheiro e privilégios.

Um dia, entretanto, Josar inventou um óleo que solidificava qualquer líquido e se preparava para apresentá-lo aos governantes quando avistou a mais perfeita criatura que os deuses haviam criado: Laura, filha de um dos senadores. Ela estava presente durante a demonstração e ficou maravilhada com a inteligência e o carisma do jovem alquimista. A interação fora perfeita e o contato, inevitável. Em pouco tempo, os dois começaram a namorar.

Foi nessa época que Josar conheceu Borivil, um jovem soldado que ingressara havia pouco tempo na Guarda Arcana. Os dois se tornaram grandes amigos e Borivil foi o grande responsável pelo namoro de Josar e Laura prosseguir. Embora Josar fosse rico e famoso, não satisfazia o gosto do pai da moça, que tinha outros planos para ela proibindo peremptoriamente o namoro. Por isso, Josar teve de arrumar outra saída, o que se mostrara uma tarefa fácil para a mente criativa do alquimista, o difícil seria convencer Borivil a ajudá-lo.

– Não posso fazer isso, Josar. Você ficou maluco? – Dissera Borivil na primeira vez.

– Que nada. Ninguém vai saber – retrucou o alquimista.

– Não. Você está fora de si. Se alguém descobre, eu serei, no mínimo, chicoteado – Disse Borivil, sacudindo a cabeça negativamente.

– Borivil, Borivil. Eu preciso de você, meu amigo. Eu a amo, você sabe. E preciso vê-la ao menos mais uma vez.

O soldado pareceu desconfiado.

– Só mais uma vez?

– Só mais uma vez – prometeu Josar, levantando as mãos para mostrar que não tinha os dedos cruzados. – Só mais uma vez e eu nunca mais irei sequer olhar para ela.

– Tá bom. Mas se descobrirem, você me paga! – Ameaçou Borivil, cômico de que estava fazendo uma coisa muito errada.

Naquela mesma noite Borivil deixou que Josar atravessasse a guarda para que – utilizando um de seus feitiços – flutuasse sobre os muros da casa de Laura e entrasse pela janela do quarto da moça. Entrou muito depois do anoitecer e saiu bem antes do dia clarear. Embora tenha prometido a Borivil que aquela seria a primeira e a última vez que arriscaria o pescoço dos dois entrando no quarto da moça, no dia seguinte lá estava ele, e depois de uma pequena discussão com Borivil, escalara os muros e invadira novamente o quarto de Laura. E em todas as noites a partir daquele dia Josar dormiu com sua amada, enquanto Borivil redobrava a vigilância para que ninguém descobrisse a pequena travessura dos dois.

O amor faz coisas incríveis, disso o alquimista tinha certeza. Desde que começara o romance secreto com Laura sua produção havia triplicado. Josar produzia muitas poções sob encomenda dos grandes comerciantes de Runa, trabalhava em várias pesquisas para o Senado e ainda encontrava tempo e inspiração para criar novas fórmulas. Certo dia, em reconhecimento aos seus grandes feitos, chegou a ser recompensado com um grande presente dos sacerdotes do templo de Palier. Um presente que, segundo os próprios sacerdotes, valia muito mais que um castelo cheio de ouro. As pessoas ficavam impressionadas com seu desempenho e sempre que perguntavam qual seu segredo, o alquimista desconversava, dizendo que a paixão pelo que fazia o estimulava. Com isso, Josar era um homem feliz. Tinha dinheiro, prestígio e a mulher que amava.

No entanto, a felicidade de Josar não era compartilhada por Laura, que gostaria de se casar e ter filhos. Certa vez propôs fugir com o alquimista, argumentando que ele já tinha dinheiro suficiente para não trabalhar pelo resto da vida, e que os dois amantes poderiam ir pra algum reino ao sul, ou a oeste, onde seu pai não os encontrasse.

– Que tal, meu amor? – Perguntara-lhe Laura, certa vez. – Podemos ir para Saravossa, por exemplo. Ou quem sabe outra cidade mais ao sul.

Josar olhou a mulher com desânimo, pois a amava, mas não gostava da idéia. Tinha uma ótima vida em Runa e não queria largar tudo o que havia conquistado até aquele momento. Se fugisse com Laura para outro reino, além de ter que começar tudo de novo, a partir do zero, viveria sempre preocupado com que alguém os encontrasse. Por outro lado, amava Laura mais que tudo, e sabia que ela não aceitaria uma resposta negativa. Por isso, tentou ganhar tempo.

– Vamos ver – terminou dizendo. – Eu não tenho tanto dinheiro como você pensa. Mas assim que eu tiver, nós fugiremos.

Ela claramente esperava outra resposta, mas se contentou em aguardar por mais algumas semanas. Com isso, dois anos se passaram.

Foi numa noite estrelada de verão que Josar chegou mais uma vez para visitar Laura. Borivil não estava mais lá, pois seus ótimos trabalhos e a recomendação de Josar fizeram com que o jovem soldado fosse elevado de função. Embora isso não significasse uma patente maior, ele ganharia mais e se livraria do exaustivo trabalho noturno. Mas antes de sair de seu posto, Borivil deixara seu sucessor ciente do trato com Josar, e após uma boa barganha – e algumas moedas de ouro – o novo guarda ficara feliz em ajudar o casal.

Assim, o alquimista, como sempre fazia, flutuou sobre o muro até a janela do quarto de Laura, empurrou a janela e entrou sorrateiro, mas para sua surpresa o aposento estava vazio. Estranho, pensou. Ela sempre o esperava àquela hora. Josar resolveu relaxar, sua amada logo chegaria para que os dois passassem mais uma maravilhosa noite juntos. Deitou na cama macia, se recostou numa grande almofada de seda bordada e esperou.

Josar acordou assustado com o sol batendo em seu rosto. A claridade transpassava a cortina de seda tingida e deixava o ar colorido como nas grandes capelas que possuíam bonitos vitrais. O alquimista se levantou, pegou sua mochila e andou até a porta. Passara a noite inteira esperando sua Laura, mas ela não aparecera, o deixando preocupado. Abriu a porta bem devagar evitando que rangesse, e pela pequena fresta pode avistar um dos criados da casa.

O criado era alto, magro e usava roupas simples. Terminou de recolher alguns castiçais, colocou-os numa sacola de couro e seguiu pelo corredor, em direção ao quarto de Laura. Josar fechou a porta e se posicionou ao lado, encostado na parede. Viu a maçaneta se mexer e o criado entrar, e antes que este fizesse algo, sussurrou a palavra *durma*, e esse simples gesto fez o criado despencar já desacordado, bater com a cabeça na quina de uma mesa e chocar-se com força contra o chão, sujando o tapete de sangue.

O alquimista olhou o homem estirado no chão, a parte da frente de sua cabeça sangrava devido ao golpe. Pegou os cabelos do homem com cuidado para não sujar a mão e levantou sua cabeça até onde pudesse ver seu rosto. Satisfeito, largou a cabeça ensangüentada do homem e vasculhou sua bolsa provocando um leve tilintar do choque de vidro contra vidro. Pegou um frasco que continha um líquido branco e

jogou no fermento, fazendo o sangue dar lugar a uma espuma branca, borbulhante. Quando o líquido finalmente parou de espumar, Josar retirou-o com a ponta de seu manto apenas para ter certeza de que o fermento havia fechado, como se nunca houvesse existido. Remexeu novamente a bolsa pegando outro frasco, dessa vez com um líquido coral. Bebeu todo o conteúdo e estremeceu. Seu corpo começou a tremer com espasmos involuntários, crescendo cerca de vinte centímetros. Suas feições também mudaram aos poucos: pêlos nasceram em seu rosto, seus olhos castanhos escureceram e o queixo alargou. Em poucos segundos, estava irreconhecível, pelo menos como Josar, porque agora ele possuía o rosto do criado. Sua blusa e calça ficaram pequenas, obrigando Josar a disfarçá-las colocando um manto por cima. Ele recolheu os castiçais que o criado deixara cair, colocou-os novamente na sacola e saiu tranqüilamente pela porta. Nunca estivera naquela parte da casa e por um momento ficou confuso de que direção tomar. O corredor era longo, com várias portas e duas escadas, uma em cada extremidade. Resolveu seguir para a escada da direita que descia até uma parte movimentada da casa. Podia ouvir o barulho de pratos batendo e pessoas conversando. Desceu lentamente, degrau por degrau, até que um homem gordo gritou com ele, fazendo-o saltar de susto.

– Mais que demora do inferno, Hermam! – Gritou o homem para Hermam, sem saber que na verdade falava com Josar. – Pensei que tivesse resolvido recolher todos os castiçais de Portis!

– Desculpe, senhor – respondeu Josar, cauteloso. – Aqui estão – estendeu a sacola de couro para o homem, que levantou a mão para pegá-la e sorriu divertido.

– Ótimo! Matilda! – O homem gordo se virou e gritou na direção de uma mulher tão gorda quanto ele. – Leve estes castiçais lá para fora e limpe-os como se fossem sua própria bunda gorda. Quero vê-los brilhando. – A mulher pegou a sacola, lançou um olhar irritado para o homem e saiu da sala, levando a sacola com os castiçais.

O gordão se virou novamente para Josar.

– Sabe Hermam, você tem de saber tratar as mulheres, caso contrário, elas se revoltam.

– Sim, senhor.

– Eu sempre soube como tratar as mulheres – gabou-se o gordo. – Tanto que sempre estive rodeado delas.

Josar sorriu sem graça e tentou ser mais objetivo com seu plano. Afinal, dispunha de pouco tempo.

– Senhor, posso lhe perguntar uma coisa?

– Claro Hermam, o quê é?

– Não recolhi os castiçais do quarto de lady Laura, porque bati na porta e ninguém atendeu. O senhor sabe se ela encontra-se no quarto?

O gordão fez cara de indignação fingida, colocou as mãos na boca e arregalou os olhos, como se estivesse surpreso.

– Você não pegou os castiçais do quarto dela? Pelos céus, homem! Vão chicoteá-lo por isso – ele soltou uma gargalhada alta, mas parou aos poucos quando percebeu que Josar não achara graça. – Não, ela não está – disse por fim, ainda recuperando o fôlego que perdera rindo. – Você não sabe? Ela foi para Maginor, se preparar para o casamento.

– Casamento! Que casamento? – Josar não conseguiu disfarçar a surpresa.

– Ora, o casamento dela com aquele nobre de Filanti – respondeu o gordo sem interesse, como se a notícia já não fosse mais novidade. – Por onde você andou, Hermam? Todo mundo sabe disso!

Josar não respondeu, estava atordoado com sua descoberta. Laura havia ido para Maginor – uma cidade mais ao sul – preparar seu casamento com um nobre estrangeiro, e ele não sabia de nada. Que maldita traição, pensou. Deu as costas para o gordo e saiu apressado pela porta dos fundos. Precisava ser rápido, pois sua poção não duraria muito. Ouviu o homem gordo gritar, dizendo para que voltasse, pois ainda tinham muito trabalho a fazer. Josar ignorou os protestos do gordo e continuou saindo da propriedade do pai de Laura, até que entrou num beco escuro que ficava ao lado da casa. Seu corpo começou a estremecer, seu rosto se contorcendo com espasmos e fazendo cair todos os pêlos excessivos. Alguns segundos depois, lá estava o rosto de Josar de volta. Ele cobriu a cabeça com o manto e seguiu andando a passos largos para seu laboratório, tão rápido que quase corria. Como ela pôde? Como ela pôde fazer isso comigo? Dizia a si mesmo, seus olhos transbordando lágrimas. Chegou ao laboratório e teve dificuldades para abrir a porta. Suas mãos tremiam, dificultando o manuseio das chaves. Conseguiu, por fim. Trancou a porta por dentro, fechou as cortinas e se dirigiu para sua mesa de trabalho, que estava coberta por diversos frascos de vidros das mais variadas formas e tamanhos. Era hora de pôr sua cabeça para funcionar novamente, só que dessa vez sua criatividade estava atrelada a um novo estímulo: vingança. E Josar usaria todo seu ódio como combustível para seu cérebro, decidindo que se superaria. O momento pedia um grande feito e o alquimista iniciou o trabalho que geraria a maior criação de sua vida.

– Laura – disse baixinho. – Minha querida Laura. Por que fizestes isso comigo?

Borivil estava preocupado. Extremamente preocupado. Josar já estava trancado em seu laboratório havia quase um mês e se recusava a atender alguém, nem mesmo seu melhor amigo. Borivil sabia o motivo da reclusão de Josar: o casamento de Laura com o nobre filantiano. A moça havia passado quase três semanas em Maginor e agora voltara para Runa, para a celebração do casamento.

A cerimônia fora um sucesso. Um sacerdote de Palier conduzira, com maestria, todos os ritos, falando que a união daquelas duas almas distintas daria vida a uma terceira, que compartilharia do conhecimento de ambos e propagaria seus ensinamentos. E assim, Palier abençoava o casamento, dissera o sacerdote. Muitas mulheres choraram quando o noivo beijou Laura, que estava linda em um vestido de seda branco, completamente bordado com detalhes em ouro. Borivil não era convidado, estava de serviço. Graças à indicação de Josar ele recebera um novo posto, e em pouco tempo fora promovido. Agora, comandava um grupo de cinco homens que, juntamente com outros membros da Guarda Arcana, eram responsáveis pela segurança durante o casamento e a festa.

As pessoas se divertiam. Um grupo de bardos tocava e cantava animando a festa, enquanto serviçais serviam carne de cabrito, pão, queijo e frutas para os convidados. Muitos barris de vinho foram trazidos de Conti especialmente para a ocasião e alguns convidados mais desinibidos já estavam bêbados. A festa transcorria na mais perfeita ordem, com poucos problemas. Apenas algumas desavenças provocadas pelo excesso de bebida, mas que foram rapidamente controladas pela Guarda Arcana. A música permanecia contínua e agradável. Alguém derrubou uma taça de vinho provocando barulho de vidro estilhaçando, um homem gargalhou alto e algumas pessoas bateram palmas para os bardos, atirando algumas moedas para eles em seguida.

Nesse instante Borivil ouviu um cochicho, que logo virou um murmúrio. As pessoas foram aos poucos abaixando a voz enquanto se esforçavam para olhar a porta. Borivil se juntou a elas, mas havia cada vez mais gente se aglomerando em direção a porta e o soldado não conseguia ver nada. De repente, a multidão de convidados se calou, golpeando o salão com um silêncio angustiante. Borivil não agüentou e forçou caminho por entre as pessoas para, enfim, ver o motivo de tanto espanto.

No centro da porta do salão estava Josar, vestido um longo manto negro e carregando nas mãos uma pequena caixa de madeira. Seu rosto estava pálido e seus olhos fundos, sugerindo que não dormia há semanas. Borivil tinha certeza de que aquilo não terminaria bem. Era o único que sabia do romance entre Josar e Laura, do qual o amigo saíra tremendamente machucado e certamente tencionava se vingar. Sua própria aparição – vestido de preto – deixava isso claro, já que a cor escura era considerada um péssimo presságio em casamentos. Borivil lançou um olhar involuntário para Laura e pôde ver o medo estampado em seu rosto. Os demais convidados também pareciam assustados com a chegada do alquimista, no entanto, mais devido a sua roupa do que suas intenções. Foi o noivo quem quebrou o silêncio.

– Você deve ser Josar, o alquimista – embora estivesse distante da porta, o nobre não precisou gritar para que todos ouvissem, tamanho o silêncio. – Ouvi falar muito de você. É uma honra recebê-lo em meu casamento. – O nobre, acostumando a discursos, fez uma pausa para que todos absorvessem suas palavras, e então continuou: – Mas isso não lhe dá o direito de aparecer vestido de negro – disse o noivo, dessa vez mais ácido. – Gostaria que se explicasse.

Josar fitou de longe o nobre durante algum tempo, olhou para Laura e depois para o nobre de novo.

– Perdoe-me, senhor, se minhas vestes não são adequadas. É que prezo muito a família da senhorita... digo, da senhora Laura, e tão logo soube do casamento, me pus a trabalhar, incansavelmente, durante o último mês para lhes preparar um presente – Josar esticou as mãos mostrando a caixinha de madeira. – E, infelizmente, não me restou tempo para cuidar das roupas. Imploro que me perdoe milorde, não foi minha intenção ofendê-los.

Todos pareceram satisfeitos com a resposta do alquimista, menos Borivil, que sabia que Josar planejava alguma coisa. Pensou se deveria alertá-los, afinal, era essa a sua função: protegê-los. Mas não gostava de Laura, nem de seu noivo, e não queria colocar o amigo numa situação difícil. Por isso, permaneceu calado.

O noivo abriu um largo sorriso demonstrando satisfação.

– Um presente? Maravilhoso! – Exclamou o nobre. – Alguém, traga-o para mim.

Um dos criados caminhou até a porta e pegou a caixa das mãos de Josar, que permaneceu na porta. O criado retornou pelo grande salão passando por entre os convidados e entregou a caixa ao nobre que a abriu, arregalando os olhos, espantado com seu conteúdo.

– Nossa, que perfeição! – Disse o noivo, retirando da caixa duas alianças de ouro maciço. – Lindo! Você esta de parabéns!

– Foi um prazer, milorde – Josar fez uma leve reverência e girou nos calcanhares, saindo do salão.

– Espere – Gritou o nobre. – Você não vai ficar para a festa? – Mas o alquimista já tinha saído. – O noivo olhou novamente as alianças e sorriu, eram jóias lindíssimas. Colocou uma em seu dedo e segurou a mão de Laura para colocar a outra, mas a moça hesitou. – O que está acontecendo, minha querida? Você não vai fazer desfeita

ao homem, vai? Você o ouviu dizer que trabalhou duro durante um mês inteiro para nos presentear com essas lindas jóias. Vamos, coloque!

Laura olhou em volta e percebeu que era alvo de todos os olhares presentes. Por isso, ainda relutante, deixou que seu esposo colocasse a aliança de ouro em seu dedo. Todos aplaudiram e a festa recomeçou, mais animada que antes.

Ao anoitecer, após a festa, Laura seguiu com seu esposo para o quarto onde passariam a noite de núpcias, para na manhã seguinte, partirem para o reino de Filanti, onde viveriam. O quarto era luxuoso, com uma grande cama coberta por lençóis de seda pura. O nobre filantiano jogou Laura na cama e começou a beijá-la, enquanto tirava sua própria roupa. Ele era um homem bonito e, embora no início não tenha gostado da idéia de se casar com alguém que não conhecia, Laura estava satisfeita. Afinal, teria uma casa e uma família, tudo o que Josar não poderia lhe oferecer.

Seu esposo começou a despi-la, fazendo seu coração bater acelerado. Laura não havia notado como ele era forte, com ombros largos e músculos rígidos. Muito rígidos. Notou também que ele era bem pesado, e a pressão que o corpo do homem exercia já a estava incomodando. De súbito a cama quebrou, provocando um estrondo e arremessando os dois ao chão. Laura levantou depressa, sentindo seu corpo formigar e ficar frio, rígido, como se fosse feito de ferro. Lançou um olhar apavorado para seu esposo, mas ele não estava mais lá. No seu lugar havia uma grande estátua de ferro, que se movia com agilidade e segurança. Poucos segundos depois, tudo ficou negro.

Laura tinha a impressão que havia entrado numa espécie de transe. Ela não enxergava nada a sua frente, mas podia sentir algo golpeando seu corpo, embora não sentisse dor alguma. Achava também que estava se movimentando, entretanto, sem nenhum controle. Era o anel, tinha certeza.

Estava extremamente nervosa e, por isso, tentou acalmar-se. Respirou fundo. "Tenho que me acalmar", pensou. Seus batimentos foram diminuindo aos poucos e sua visão voltando gradativamente, até que pode ver, com clareza, o que estava acontecendo. Seu quarto estava praticamente todo destruído, uma estátua de ferro com as feições de seu marido a agredia ferozmente com socos, mas ela quase não sentia. Só então pensou em olhar seu próprio corpo e o que viu a deixou horrorizada: suas mãos e pernas estavam nuas, cobertas por uma carapaça de metal como se fosse uma armadura. A estatua que antes fora seu marido deu-lhe mais um soco, provocando um barulho como o soar de um grande sino. Ela também havia se transformado em uma estátua de ferro, que agora conseguia controlar, mas que notoriamente havia sido tão agressiva quanto a outra, que possuía alguns pontos amassados. Era isso. Laura havia descoberto o segredo. Sua consciência estava atrelada aos sentimentos. Deveria se manter impassível ou perderia novamente o controle. Mas até quando seria assim? Será que ela seria para sempre escrava do anel? Não poderia sentir amor, ódio ou medo outra vez? Não. E essa certeza trouxe angústia a seu coração, angústia que deu lugar ao pânico, e Laura não pode se controlar. Logo, tudo ficou negro novamente.

Borivil e seus soldados cavalgavam depressa, percorrendo uma grande distância em pouco tempo. O jovem soldado ainda não acreditava no que havia acontecido. Ainda estava no salão de festas enquanto os últimos convidados iam embora, quando um criado entrou correndo e gritando. O homem estava apavorado e Borivil teve dificuldades para compreender o que dizia. O homem arfava, choramingava e levava

as mãos à cabeça. Por fim, consegui dizer que estava passando próximo ao quarto de lady Laura, quando ouviu um barulho alto de alguma coisa quebrando. Em seguida houve um grito, e logo depois começara um barulho alto e intermitente, como choque de ferro contra ferro, e o criado arrombara a porta. Lá dentro estavam dois recém-casados estirados no chão, seus corpos nus mutilados e esmagados, como se vítimas de espancamento. O criado disse que entrou em choque, principalmente quando viu que metade do corpo de lady Laura estava envolta em ferro, mas que aos poucos voltava ao normal. Ele então correria para pedir ajuda.

Borivil, ao ver os corpos mutilados, sabia o que tinha acontecido e certamente os senadores logo saberiam também. Foi informado por um dos criados que apenas um dos anéis havia sido encontrado, o outro sumira misteriosamente. Mais um problema, pensou. Contudo, ele não podia pensar nisso agora, tinha de encontrar seu amigo Josar primeiro, antes dos outros soldados. Assim, reuniu os cinco soldados sob seu comando e saiu pela porta como um furacão. Não tinha tempo a perder.

Cavalgou num trote rápido pelas ruas da cidade. O barulho dos cascos dos cavalos batendo com força no chão era tão alto que os soldados não ouviram quando Borivil ordenou que parassem, obrigando-o a largar uma das mãos das rédeas para fazer um sinal. Os soldados sofreram seus cavalos, que responderam de imediato. Borivil também parou, só que um pouco mais à frente. Apeou do cavalo e jogou as rédeas para um de seus homens.

– Esperem aqui. E me avisem se alguém estiver chegando – ordenou Borivil, caminhando em seguida para a entrada do laboratório de Josar.

Bateu de leve na porta. Ninguém respondeu, obrigando-o a bater uma segunda vez.

– Vamos Josar, abra. Sou eu, Borivil!

– Entre meu amigo – respondeu uma voz, vinda de dentro.

Borivil empurrou a porta lentamente, provocando um pequeno rangido. Josar estava sentado à mesa, escrevendo freneticamente num pergaminho. A mesa era de madeira escura e estava coberta de fiapos de couro esbranquiçados, sugerindo que a pele fora raspada recentemente.

– Você sabe o que eu vim fazer aqui? – Inquiriu Borivil, fechando a porta e trancando-a por dentro.

– Me prender?

– Não, te ajudar a fugir.

Josar parou de escrever e olhou para o amigo com o cenho franzido.

– Não tive escolha, Borivil – confessou. – Ela me traiu! O que você queria que eu fizesse?

– Não sei, mas com certeza assassinar a mulher e seu esposo não foi a melhor idéia. Por todos ou deuses, Josar, ela era filha de um senador e o homem o filho de um nobre estrangeiro! – Borivil fez uma pausa, esfregando o rosto com as duas mãos.

– Você tem noção da encrenca em que se meteu? Com sorte será apenas condenado à forca!

– Eles morreram? – Josar parecia chocado.

– Sim, eles morreram.

– Não era para acontecer isso! Eu só não queria que os dois se tocassem, mas não que agredissem um ao outro!

– Mas se agrediram e se mataram. E você será enforcado por isso!

– Eu sei, meu amigo. Eu sei. – Josar levantou, enrolou o pergaminho e estendeu-o a Borivil. Seus olhos estavam úmidos. – Tome, este é o meu testamento.

Borivil não pegou o pergaminho.

– Você não vai morrer, homem. Irá fugir. – Ele atravessou o laboratório, olhou pela janela e a fechou. Pegou uma mochila de couro que estava jogada em cima de uma cadeira e a estendeu para Josar. – Coloque tudo o que acha que precisará para sair do reino. Tenho amigos que o ajudarão a seguir para oeste até o rio Lara. Lá, pegue um barco e vá para as Cidades-Estados, onde estará seguro e poderá reconstruir sua vida.

Agora foi a vez de Josar não obedecer.

– Borivil, ouça. Todos sabem que somos grandes amigos, se eu fugir, vão desconfiar de você. Eu já estou condenado, mas você não, poderá sair ileso dessa bagunça toda. Ou melhor, poderá se tornar um herói!

– Um herói? – Borivil pareceu desconfiado.

– Sim, um herói. Respondeu Josar, com confiança. – Me prenda.

– Prender você? Só pode estar brincado! – O jovem soldado ficou irado. – Você não entendeu. Eu vim aqui ajudá-lo a fugir!

– Eu entendi perfeitamente. Mas estou dizendo que se me prender se tornará o herói de Portis; o homem que capturou o responsável pela morte de duas pessoas importantes.

– Você está delirando – Borivil caminhou em direção a porta como para dar a questão por encerrada, mas alguém bateu forte na porta, esmurrando a madeira como se fosse um inimigo.

– Borivil! Borivil! – Gritava um soldado do lado de fora.

– O quê foi?

– Outros soldados da Guarda Arcana estão vindo e existem oficiais com eles!

Que grande porcaria, pensou Borivil. Os oficiais da Guarda Arcana eram magos, que comandavam os brutamontes como ele. Por isso, por não usar magias, Borivil nunca poderia ser um oficial. Mas ele não se importava com isso, tinha coisas mais urgentes para pensar agora. Lutar contra guerreiros era uma coisa, mas contra magos... Borivil não poderia expor seus companheiros a tamanho perigo.

– Muito bem, rapazes. Deixem que passem! – Gritou Borivil de dentro do laboratório, e se virou para Josar. – Pronto, satisfeito? Agora tem um monte de magos vindo para cá. Temos que sair agora. Pela janela, rápido!

– Eu não vou a lugar algum – disse Josar, peremptório.

– Isso não é hora para brincadeira. – rosnou em resposta Borivil, agarrando o alquimista pelo braço e puxando-o em direção a janela.

Josar se desvencilhou do amigo e desferiu um soco que pegou Borivil desprevenido, acertando seu nariz em cheio. Embora fosse uma boa pessoa e um soldado correto, Borivil tinha um temperamento difícil, e reagia agressivamente quando confrontado. Por isso, era o melhor soldado que Josar conhecera. O alquimista sabia dessa característica do amigo e resolveu usá-la a seu favor.

Borivil olhou assustado para Josar, o sangue lhe subindo a cabeça. Alguém bateu na porta gritando.

– Abram em nome do senado! – Ordenou o soldado do lado de fora.

Borivil olhou para a porta, mandou o homem ir para o inferno e se virou novamente para Josar. Havia sangue escorrendo de seu nariz e seu olhar era tão ameaçador que Josar quase se arrependeu de tê-lo atingido.

– Não vou falar de novo, Josar – vociferou Borivil. – Você vem comigo.

– Vá se danar! – Respondeu Josar, desferindo outro golpe. Mas dessa vez Borivil bloqueou o soco com seu braço esquerdo e revidou com o direito, acertando o rosto de Josar com tanta força que o alquimista foi arremessado para trás, chocando-se de costas contra a parede.

Os soldados da Guarda Arcana arrombaram a porta e entraram com espadas em punho, gritando para que todos ficassem parados. Viram Borivil de um lado da sala com o nariz sangrando e Josar encostado na parede do lado oposto, com o rosto coberto com sangue. Os soldados o acorrentaram e o arrastaram para fora, enquanto um jovem mago, oficial da Guarda Arcana, se dirigia a Borivil.

Muito bem, Borivil – disse o oficial, com um largo sorriso. – Todos nós sabíamos da amizade que você nutria pelo traidor e confesso que ficamos com medo que tentasse ajudá-lo a fugir. Pelo visto você é mais confiável do que pensávamos. Certamente será recompensado por isso.

O oficial estendeu a mão para cumprimentá-lo, mas Borivil deu-lhe as costas, pegou um rolo de pergaminho que jazia no chão e saiu do laboratório. Cruzou com alguns soldados que entravam no laboratório e viu o corpo de Josar amarrado à sela de um cavalo que seguia com vários outros, num trote rápido em direção a ilha artificial, que ficava no centro da cidade e era sede do governo.

Sentou numa pedra que ficava próxima a lateral do laboratório e tocou o nariz dolorido. O safado me pegou direitinho, disse baixinho a si mesmo, deixando escapar um sorriso. Desenrolou o pergaminho que Josar insistira que levasse para descobrir que se tornara um homem rico. No pergaminho Josar contava onde escondia todo seu dinheiro e insistia para Borivil ficasse com ele. Fazia também alguns pedidos, suas últimas vontades, que aos olhos do soldado pareceram excêntricas. Mas eram seus últimos desejos e Borivil prometeu cumprir todos eles.

Todos estavam impacientes para ver o alquimista pagar por seu crime. Assim, não houve julgamento. Enquanto os magistrados decidiam seu destino, Josar acompanhava pela janela gradeada de sua cela a construção de um grande palanque de madeira. Os carpinteiros trabalharam rápido, erguendo a plataforma de três metros em menos de um dia. Fixaram bem no centro do tablado um grande mastro, que tinha a forma de um “L” invertido, e amarraram a ponta de uma corda na parte superior, fazendo um laço com nó correção na ponta restante. Embaixo da corda foi construído um alçapão, com dobradiças de ferro, cujo acionamento seria feito através de uma alavanca colocada na extremidade esquerda do palco.

No dia seguinte, logo após o clarear do dia, os soldados arrastaram Josar pela rua e o colocaram em cima do palanque. Um homem gigantesco, com um capuz preto e peito nu, subiu no palanque, limitando-se a observar a multidão. Borivil também estava lá e ficou impressionado com o tamanho do carrasco.

Tinha sido uma noite difícil, sabendo que seu melhor amigo seria condenado à morte. Borivil leu o pergaminho deixado por Josar e prometera ao amigo em pensamento que

cumpriria seus desejos. Eram desejos simples, embora totalmente sem sentido, e Borivil não teria dificuldade em conseguir tudo o que seu amigo desejava.

Antes de seguir para o local da execução o soldado passara no laboratório de Josar e recolhera algumas coisas. Depois seguiu para a ilha artificial, onde foi homenageado e recebeu a promessa que logo após a execução, seria promovido a líder-de-praça, uma patente superior a de soldado, que lhe dava o comando de trinta homens.

Mas nem isso alegrara seu dia, estava tremendamente triste por Josar e, se não fosse pelo último desejo de seu amigo, teria pedido para não acompanhar o enforcamento. Mas precisava estar perto do corpo assim que o soltassem da corda, caso contrário, talvez não tivesse chance de levá-lo. O pergaminho de Josar dizia para Borivil não deixar que cremassem seu corpo, e para conduzi-lo em segurança para fora da cidade. Borivil teve dificuldade para convencer seus superiores, mas dissera que o alquimista traidor não deveria ser cremado, e sim, enterrado fora da cidade para que seu corpo apodrecesse e fosse devorado pelos vermes. O magistrado pareceu divertir-se com a idéia e concedera a guarda do cadáver a Borivil.

Uma ovação da multidão arrancou Borivil de seus devaneios, o trazendo de volta à realidade. Ele olhou de soslaio e percebeu que o carrasco havia colocado a corda envolta do pescoço de Josar. Notou que seu amigo o fitava, mas não teve coragem de olhar em seus olhos, preferindo manter-se virado para a multidão, mas não foi capaz de evitar que uma lágrima deslizesse por seu rosto.

Borivil fechou os olhos, rezando para que tudo terminasse logo. Ouviu a multidão gritar e aplaudir extasiada com o momento, e pode sentir a vibração dos passos do homenzarrão caminhando pelo tablado, em direção a alavanca. Em algum lugar um cachorro ganiu. Mais ovação. De súbito, as pessoas se calaram e um silêncio sufocante tomou conta do lugar, fazendo Borivil achar que era capaz de ouvir o coração de Josar batendo. Pouco tempo depois, ouviu o rangido da alavanca sendo puxada; o estalo do alçapão abrindo e o ruído de espinha se quebrando. Obrigado Cruine, agradeceu Borivil ao deus da morte, em pensamento, por evitar que seu amigo sofresse. A multidão xingou, indignada pela morte prematura, que não lhes dera tempo de apreciar o momento raro de uma execução. Borivil abriu os olhos e viu as pessoas se dispersando, algumas que haviam apostado na morte rápida, estavam recolhendo seu dinheiro. Dois soldados seguraram o corpo, enquanto um terceiro cortou a corda para liberar Josar do cadafalso. Agora estava tudo acabado, ou quase tudo.

Três soldados aguardavam Borivil retornar a estrada, para que pudessem escoltá-lo de volta a Runa. Borivil não podia vê-los, pois havia cavalgado para muito além da estrada, rebocando outro cavalo pelas rédeas e entrando num terreno rochoso que marcava o início dos Montes Raltril. Cavalgara por quase três dias, assim como Josar instruía no pergaminho e, enfim, chegara num ponto suficientemente distante.

Apeou do cavalo e retirou Josar do lombo do animal, sopesando seu corpo para que não despencassem no chão. Deitou o cadáver devagar no terreno pedregoso, pôs sua mochila ao lado e revirou-a procurando o frasco indicado. Era um recipiente de vidro transparente, que armazenava um líquido prateado e viscoso. Borivil retirou a rolha que vedava a boca do frasco e derramou todo o líquido sobre o corpo já malcheiroso do amigo. Conferiu na mochila se não estava faltando nada: trouxera uma algibeira com moedas de ouro e prata, dois odres, um manto limpo, uma

lanterna a óleo e duas pederneiras. No alforje do cavalo reserva, ainda tinha ferraduras sobressalentes e carne salgada.

Borivil achava tudo aquilo uma tremenda loucura. No começo, ao ler o pergaminho pela primeira vez, pensou que Josar tivesse usado mais um de seus truques e que não teria sido ele o enforcado àquela tarde. Contudo, analisando melhor e com mais calma, Borivil teve certeza que fora Josar quem balançara na forca e decidiu que isso deveria ser alguma oferenda a Palier, já que o líder-de-praça da Guarda Arcana não conhecia os ritos e cultos ao deus do conhecimento e da magia.

Montou no cavalo e seguiu para a estrada que o conduziria de volta a Runa. Estava triste pela perda de seu amigo que fizera tanto por ele. Chegou à conclusão de que Josar fora um bom homem. Um alquimista brilhante, um amigo fantástico e um humano normal, suscetível a erros e às conseqüências mordazes de um amor pérfido. E quem poderia julgá-lo? Quem poderia prever sua própria reação numa situação semelhante? Borivil certamente que não.

De repente, um movimento lhe chamou a atenção fazendo-o soffrear o cavalo. Teve a nítida impressão que algo se movera às suas costas. Mas seus soldados haviam ficado na estrada distante e aquela parte de Portis era tão desolada que nem ladrões existiam. Decidiu que fora apenas uma impressão sem sentido, ocasionada pela paisagem indistinta e pela situação como um todo. Assim, sem dar mais importância, seguiu cavalgando.

– Adeus meu bom amigo Josar – falou Borivil para si mesmo.

– Adeus Borivil – respondeu Josar.

De fato, fora um presente mais valioso do que um castelo coberto de ouro...